



**Instituto de Psicologia - Departamento de Psicologia Escolar e
do Desenvolvimento – PED**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**XI CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA
CLÍNICA E INSTITUCIONAL**

Coordenação: Profa. Dra. Maria Helena Fávero

TRABALHO FINAL DE CURSO

**PRESENÇA DOS CONTOS DE FADAS E DO DESENHO
INFANTIL NA INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA:
Uma leitura psicanalítica.**

Apresentado por: Luana Chaves Martins

Orientado por: Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino

BRASÍLIA, JULHO DE 2015.

**PRESENÇA DOS CONTOS DE FADAS E DO DESENHO
INFANTIL NA INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA:
Uma leitura psicanalítica.**

Apresentado por: Luana Chaves Martins

Orientado por: Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino

RESUMO

Este trabalho é fruto do estágio supervisionado realizado com uma criança de quatro anos de idade, sob orientação da professora doutora Lúcia H. C. Z. Pulino, e se intitula *Presença dos contos de fadas e do desenho infantil na intervenção psicopedagógica: uma leitura psicanalítica*. O aporte teórico escolhido para esta pesquisa foi a Psicanálise, então, a discussão desse trabalho se sustentou a partir do diálogo da pesquisadora com autores psicanalistas que se debruçam no intuito de interpretar e dar conta do estudo da educação e do sujeito que aprende. Essa pesquisa, portanto, visou sondar vestígios do inconsciente acerca dos processos de aprendizagem e subjetividade e, a partir disso, propôs uma intervenção no intuito de desmistificar fatores que possam vir a interferir nesses processos. Diante disso, essa pesquisa se utilizou da interpretação dos contos de fadas e desenhos infantis, sob o olhar da teoria psicanalítica, a fim de oferecer subsídios para a família e para a escola no tocante ao estilo de aprendizagem do sujeito em questão. Para dar forma a esse trabalho, a pesquisa e a intervenção realizadas se estruturam da seguinte maneira: primeiramente, o referencial teórico; em seguida, as oficinas de avaliação e intervenção psicopedagógicas; logo depois, a discussão dos resultados obtidos; e, por fim, as considerações finais.

Palavras chaves: Intervenção psicopedagógica, desenho infantil, contos de fadas, psicanálise.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
2.1 Educação e Psicopedagogia.....	9
2.2 Contribuições da Psicanálise para a Psicopedagogia.....	10
2.3 Os contos de fadas.....	12
2.4 O desenho infantil.....	14
3. MÉTODO DE INTERVENÇÃO.....	16
3.1 Sujeito.....	16
3.2 Procedimentos adotados.....	17
3.2.1 Observação participante.....	17
3.2.2 Entrevista.....	17
3.2.3 Questionário.....	18
3.2.3.1 Questionário de perguntas abertas.....	18
3.2.3.2 Questionário que combinam perguntas abertas e fechadas.....	18
3.2.4 Leitura de contos de fadas.....	19
3.2.4.1 Conto de fadas “O patinho feio”.....	19
3.2.4.2 Conto de fadas “João e Maria”.....	20
3.2.4.3 Conto de fadas “Pinóquio”.....	20
3.2.4.4 Contação de história pela criança – Conto escolhido: Rapunzel.....	20
3.2.5 Produção do desenho infantil como técnica lúdica de avaliação e intervenção.....	20
3.2.5.1 Técnica psiopedagógica do “eu” ideal e real.....	20
3.2.5.2 Técnica psiopedagógica do desenho da família.....	21
3.2.5.3 Técnica psiopedagógica do desenho da escola.....	21
3.2.5.4 Técnica psiopedagógica do desenho livre.....	21
4. A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA: DA AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA À DISCUSSÃO DE CADA SESSÃO DE INTERVENÇÃO..	22
4.1 Avaliação Psicopedagógica.....	22
4.1.1 Sessão de avaliação psicopedagógica 1.....	22
4.1.1.2 Objetivo.....	22

4.1.1.3 Procedimento e material utilizado.....	22
4.1.1.4 Resultados obtidos e discussão.....	23
4.1.2 Sessão de avaliação psicopedagógica 2.....	24
4.1.2.1 Objetivo.....	24
4.1.2.2 Procedimento e material utilizado.....	24
4.1.2.3 Resultados obtidos e discussão.....	24
4.1.3 Sessão de avaliação psicopedagógica 3.....	27
4.1.3.1 Objetivo.....	27
4.1.3.2 Procedimento e material utilizado.....	27
4.1.3.3 Resultados obtidos e discussão.....	28
4.2 As Sessões de Intervenção.	32
4.2.1 Sessão de intervenção psicopedagógica 1.....	32
4.2.1.1 Objetivo.....	32
4.2.1.2 Procedimento e material utilizado.....	32
4.2.1.3 Resultados obtidos e discussão.....	32
4.2.2 Sessão de intervenção psicopedagógica 2.....	37
4.2.2.1 Objetivo.....	37
4.2.2.2 Procedimento e material utilizado.....	37
4.2.2.3 Resultados obtidos e discussão.....	38
4.2.3 Sessão de intervenção psicopedagógica 3.....	45
4.2.3.1 Objetivo.....	45
4.2.3.2 Procedimento e material utilizado.....	45
4.2.3.3 Resultados obtidos e discussão.....	45
4.2.4 Sessão de intervenção psicopedagógica 4.....	49
4.2.4.1 Objetivo.....	49
4.2.4.2 Procedimento e material utilizado.....	49
4.2.4.3 Resultados obtidos e discussão.....	51
5. DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA.....	54
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61
8. APÊNDICES.....	63
8.1 Apêndice I – <i>Anamnese</i> familiar.....	63
8.2 Apêndice II – Entrevista com a professora.....	66

1. INTRODUÇÃO

Educar para a realidade é sinônimo de educar para o desejo ou (...) com vistas a possibilitar o reconhecimento da impossível realidade do desejo.
(Lajonquière, 2009, p. 152)

A proposta deste trabalho surgiu a partir da ordem do desejo da pesquisadora em dar continuidade aos estudos realizados ao longo de sua graduação, aprofundados no trabalho de conclusão de curso em Pedagogia, intitulado “*Manifestações do (in) consciente infantil, através do desenho e história de vida, no contexto escolar: uma possível interpretação psicanalítica*”.

A partir da investigação sobre o inconsciente infantil, ao longo do estágio supervisionado na graduação, surge a idéia, então, de continuar essa investigação, agora, no contexto psicopedagógico, nos momentos de intervenção com um sujeito no período do primeiro semestre de 2015.

Este trabalho, portanto, é fruto do estágio supervisionado realizado com uma criança de quatro anos de idade, sob orientação da professora doutora Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino. Este é um dos requisitos para conclusão do curso de especialização *lato sensu* em Psicopedagogia Clínica e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.

O aporte teórico escolhido para esta pesquisa foi a Psicanálise. Assim, a discussão desse trabalho se sustentou a partir do diálogo da pesquisadora com autores psicanalistas que se debruçam no intuito de interpretar e dar conta do estudo da educação e do sujeito que aprende, uma vez que a Psicanálise não se coloca como um saber único verdadeiro, mas, sim, como uma teoria capaz de questionar ao mesmo em que é questionada, mantendo-se aberta a outras discussões.

A aprendizagem não se restringe aos aspectos de cognição. Sigmund Freud (1976) afirma que a aquisição do conhecimento depende da relação professor-aluno, relação esta que ganha destaque no período de latência da criança, que se situa entre os cinco e onze anos, defende o autor. Isso porque os sentimentos que antes eram dirigidos aos pais, passam a ser direcionados aos professores. Dessa forma, a partir desse envolvimento afetivo, os educadores se beneficiarão da influência que os pais tinham sobre a criança para contribuir na sua formação.

Sobre o processo de ensino e aprendizagem Jorge Visca (1987) afirma que a psicopedagogia nasceu como uma ocupação empírica pela necessidade de atender a crianças com dificuldades de aprendizagem, cujas causas eram estudadas pela medicina e psicologia. Sendo assim, essa área do conhecimento tem como objeto de estudo o processo de aprendizagem e possui recursos diagnósticos, corretores e preventivos próprios.

Logo, a partir do enlace da Psicanálise com a educação, surgem questões de ordem inconsciente que fogem ao controle dos profissionais, sobretudo, aos educadores, como o caso em estudo. Isso se vê claramente nas palavras de Leandro de Lajonquière (2009) sobre a afirmação da impossibilidade própria das artes de governar, curar e educar de Freud (1937), quando aponta que “trata-se de uma impossibilidade que implica em estarmos certos de antemão de que os resultados são insatisfatórios” (Lajonquière, 2009, p. 26).

Diante dessa “impossibilidade” em educar, surge a necessidade de se considerar a subjetividade do sujeito, levando-se em conta, também, seus processos inconscientes de aprendizagem. É diante desse contexto que brotou a idéia de trabalhar o conto de fadas na intervenção psicopedagógica, pois a leitura vai além da interação com o texto e a criança pode construir respostas significativas e descobrir o prazer de ler. Dessa forma, o conto pode ser um importante recurso a ser utilizado na prática (psico) pedagógica.

Em complemento ao uso do conto de fadas, fez-se a escolha do desenho como forma de representação das histórias infantis relatadas, bem como representação da própria criança sobre si, a família e a escola. O desenho consiste numa ferramenta para ela (a criança) expressar sua vivência diante da experiência com os contos, uma vez que não possui a escrita formalizada e desenhar ser a forma mais livre e primária de expressão das crianças, em que elas liberam seus desejos e receios. Assim, o conto de fadas e o desenho auxiliaram na investigação sobre o inconsciente, objeto de estudo da Psicanálise, pois, como afirma Kon (2003, p. 333), “todo o nosso saber está sempre ligado à consciência, só podemos conhecer o inconsciente tornando-o consciente”.

Posto isso, essa pesquisa visou sondar vestígios do inconsciente acerca dos processos de aprendizagem e subjetividade e, a partir disso, propôs uma intervenção no intuito de desmistificar fatores que possam vir a interferir nesses processos. Diante disso, essa pesquisa se utilizou da interpretação dos contos de fadas e desenhos, sob o olhar da

Psicanálise, a fim de oferecer subsídios para a família e para a escola no tocante ao estilo de aprendizagem do sujeito em questão.

Para dar forma a esse trabalho, a pesquisa e a intervenção realizadas se estruturam da seguinte maneira: primeiramente, o referencial teórico; em seguida, as oficinas de avaliação e intervenção psicopedagógicas; logo depois, a discussão dos resultados obtidos; e, por fim, as considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação e Psicopedagogia

A educação é aquilo que se dá quando não se está tratando.
(Voltolini, 2011, p. 71)

A educação faz parte da vida humana desde que o sujeito é inserido no mundo. Em todas as culturas, desde as mais antigas, há o uso de processos educativos próprios para criar as crianças e adolescentes, até mesmo para tentar manter controle sobre esses e sobre os adultos. Essa educação, por sua vez, permeia todos os âmbitos da sociedade, se concretizando em educação formal, aquela que ocorre em instituições; e não formal, a que acontece em qualquer lugar sem a necessidade de um espaço “adequado” para isso.

Diante dessa realidade, Lajonquière (2009) afirma que “educar vem do latim *educare*, que significa criar, alimentar, ter cuidados com, adestrar animais, formar e instruir” (p. 167). Assim, nota-se que o termo “educar”, no contexto da educação em si, refere-se a algo da ordem de uma marca que não apenas molda, mas constrói, transforma e possibilita certa condição existencial, pois:

Em toda educação, está em questão a transmissão de um conjunto parcial de conhecimentos ou uma amostra daquilo que os outros souberam acumular com antecedência. Porém, aquele que aprende algo não só adquire um certo domínio sobre algum dos mundos possíveis – aqueles das letras, da natureza, ou das virtudes humanas, dentre outros – mas, também, é marcado pelo apre (e) ndido no próprio coração da vida. (Lajonquière, 2009, pp. 167-168)

Com essa afirmação, o autor mostra que a aprendizagem não se resume apenas à transmissão de conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade, vai além, pois aprender é se apropriar, de forma significativa, de um novo saber, agregando-o aos conhecimentos adquiridos previamente, transformando-os para a sua realidade.

Diante dessas palavras iniciais, pode-se afirmar que o conto de fadas também funciona dessa maneira, sendo uma ferramenta no processo de ensino e aprendizagem, pois ele traz conhecimento por meio das histórias contadas, dando sentido ao conhecimento de mundo prévio do sujeito, bem como contribui para a constituição de sua subjetividade, uma vez que o sujeito se apropria do conteúdo de uma história contada, trazendo significação para sua vida.

Desde que Freud afirmou sobre as faces do impossível em educar, curar e governar, muitos autores se apropriaram dessa máxima em relação ao educar para estudos sobre a presença da psicanálise na educação, entre eles, Leandro de Lajonquière, citado acima, e Rinaldo Voltolini.

Lajonquière afirma (2009) que se trata de uma impossibilidade que implica em estarmos certos de antemão de que os resultados serão insatisfatórios ou, em outras palavras, que o ponto de chegada não reitera o de partida. Voltolini (2011), por sua vez, argumenta que, sobre o impossível no educar, não é raro que a expressão seja tomada como confirmação das dificuldades particulares de uma educação específica qualquer.

Dessa forma, “a impossível maestria não resulta apenas do impossível controle do educador sobre o que ele ensina, mas, igualmente, da posição a partir da qual o educando toma essa presença” (Voltolini, p. 34). Assim, nota-se que não há educação se não há aceitação, tanto por parte do professor como do aluno, ou seja, deve haver uma transferência positiva entre ambos.

Diante disso, Fagali e Do Vale (1993) apontam que a reflexão psicopedagógica ampliou as abordagens e atuações sobre o diagnóstico e interferências na aprendizagem à luz do desenvolvimento da criança. Assim, as construções psicopedagógicas extrapolam questões relacionadas apenas aos problemas e suas pesquisas, elas se dividem em duas vertentes: a psicopedagogia curativa (ou terapêutica) e a psicopedagogia preventiva. Sendo esta última aplicada a essa pesquisa, uma vez que o sujeito em estudo não apresenta queixa de aprendizagem.

2.2 Contribuição da psicanálise para a psicopedagogia

O homem é sujeito a uma ordem inconsciente e movido por desejos que desconhece.
(Barone, 2013, p. 19)

A escolha da Psicanálise como abordagem teórica para este trabalho se justifica pelo fato de que, entre o psicopedagogo e o aluno, existem relações que não se explicam pela simples observação do comportamento ou pelo relato dos sujeitos. É preciso ir além, enxergar a realidade através de lentes que possam captar informações encobertas, e essas lentes são o inconsciente propriamente dito, carro chefe da teoria psicanalítica.

Freud (1914-1916) afirma que a suposição do inconsciente é necessária e legítima e que há várias provas da existência desse inconsciente, uma vez que a consciência tem muitas lacunas, pois, tanto em pessoas sadias como em doentes há a frequência de atos psíquicos que pressupõem, para sua explicação, outros atos dos quais a consciência não dá testemunho.

Podemos avançar um pouco e alegar, em favor de um estado psíquico inconsciente, que a cada instante a consciência abrange apenas um conteúdo mínimo, de sorte que a maior parte do que denominamos conhecimento consciente deve, de qualquer maneira, achar-se em estado de latência por longos períodos de tempo, ou seja, em um estado de inconsciência psíquica. (Freud, 1914-1916, p. 102)

Diante dessa citação, é possível afirmar que o inconsciente é um sistema psíquico diferente, repleto de atividades próprias e que ele se forma nas lacunas do consciente, ou seja, é nas brechas deixadas pela consciência que se deve buscar caminhos para o inconsciente e essas lacunas estão sempre presentes no dia a dia, a exemplo de um sonho, um lapso, um ato falho, um chiste, um sintoma.

Dessa forma, para embasar uma prática psicopedagógica sustentada pelo viés da psicanálise, Barone (2005) propõe:

uma prática psicopedagógica na qual haja espaço para a revelação do sentido inconsciente da dificuldade de aprendizagem que a criança “suporta”, revelação esta possível porque, alicerçada na condição pessoal do psicopedagogo, oriunda de sua própria experiência de análise e da aplicação de premissas da teoria psicanalítica a outros contextos que não a análise propriamente dita. (p. 22)

À vista disso, nota-se que a psicanálise não se restringe à própria análise clínica, mas pode acontecer em outros espaços, inclusive em parceria com outros saberes, como a escolha deste presente estudo, pois, segundo Barone (2013, p. 60): “a situação de aprendizagem coloca em jogo questões fundamentais do aprendiz e que, a forma como ele vai viver esta situação, vai depender do nível de organização conseguido em seu processo de acesso ao simbólico”. Ou seja, a psicanálise pode estar à frente dessa situação, colocando o inconsciente como um caminho possível para adentrar nesse universo do simbólico.

Voltolini (2011) afirma que é necessário reconhecer que a presença do inconsciente introduz entre educador e educando um controle *impossível* sobre qualquer cartilha de bons

procedimentos educacionais, pondo em xeque a ficção do contrato entre eles na direção de melhores resultados. Diante disso, “não existe uma pedagogia psicanalítica porque, ao contrário, a posição da psicanálise no campo educativo é a de desmontar a pedagogia enquanto discurso mestre e exclusivo sobre a educação” (p.12).

Diante disso, pode-se afirmar que a psicanálise abre o campo da educação para possibilidades, por isso, não pode ser “pedagógica”. A educação deve ser vista como um instrumento para mudança e é demonstrando a impotência de uma proposta e não o impossível que ela prossegue é que se mantém a ideia de uma educação ideal possível, ainda que precise passar por muitas transformações para atingir o nível desejado. Dessa forma, para a psicanálise, aprender é ativo, é mais buscar no outro do que receber passivamente o que o outro ensina, ou seja, “é preciso que o sujeito se posicione em relação ao que recebe do outro” (Voltolini, 2011, p. 35).

2.3 Os contos de fadas

Mesmo sem interpretação determinada, o conto de fada nos fala e dirige ao problema mais agudo em nós naquele momento. Assim, o conto desenvolve sua ação, também, no inconsciente humano. E aí esta ação se aprofunda e fortalece.
(Dieckmann, 1986, p. 43)

Segundo Hans Dieckmann (1986), a maioria dos contos de fadas começa com a frase “era uma vez”. Dessa forma, eles (os contos) “nos levam de volta a tempo distante e desde muito passado, no qual acontecem coisas extraordinárias – impossíveis para o pensamento racional” (p. 14). O autor afirma que quase não existem pessoas que não tenham crescido com essas histórias e que elas não foram a mais antiga experiência de seu encontro com a fantasia criativa da cultura humana.

Dessa forma, alega que, na vida real, também existe este “era uma vez”, pois cada pessoa teve um período na vida no qual quase que diariamente aconteciam coisas novas e milagrosas e essa realidade não se restringe à infância, pois:

por toda parte onde o homem alcança algo de novo, nunca até então conseguido ou adquirido, acontece coisa igual à transição do herói do conto de fada, do mundo do dia a dia para um reino mágico, desconhecido, encantado, que deve ser libertado ou onde se pode buscar um valor que nos leva acima da existência trivial. (Dieckmann, 1986, p. 15)

Perante essa citação, pode-se colocar o conto de fadas como um importante meio para se resgatar e proporcionar vivências, bem como utilizá-lo em intervenção com crianças no intuito de agregar valor à aprendizagem e não tratá-la apenas como algo trivial, uma vez que ele tem esse poder de trazer “magia” ao novo, ao desconhecido.

Diante dessa constatação, infere-se que contar história é um ato que qualquer pessoa pode praticar. A contação de histórias, por sua vez, está presente na sociedade desde os seus primórdios, em que repassá-las ou inventá-las era, muitas vezes, a única forma de entretenimento. Pessoas mais velhas contavam histórias para crianças ao redor de fogueiras, a fim de entretê-las ou, até mesmo, para dormir, como se faz ainda nos dias de hoje. Assim, segundo Franz (2008), as mulheres mais velhas contavam às suas crianças histórias simbólicas e, desde então, os contos de fada estão vinculados à educação de crianças.

Há muitos autores que se dedicaram ao estudo das origens dos contos de fadas e, conforme afirma Ana Lúcia Merege (2010, p. 7): “os teóricos de todas as áreas concordam que o conto de fadas tem origens muito antigas, possivelmente pré-históricas”. Assim, não cabe a essa pesquisa investigar a origem exata do conto de fadas, mas, sim, utilizá-lo como ferramenta para a intervenção psicopedagógica, uma vez que ele faz parte constitutiva de nossa cultura.

O texto literário, apoiado pelo conto de fada, serve como motivador para a leitura da criança e sua criatividade em produzir textos. Diante disso, pode-se dizer que a narrativa ou a leitura de contos, tanto tradicional como moderno, desperta a imaginação, bem como aguça a busca incansável de elementos no contexto do texto que se assemelhem à sua realidade.

Essa busca incessante pode ser alcançada nos contos de fadas, uma vez que sua função, entre outras, é contribuir para a formação do sujeito, pois:

enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (Bettelheim, 2011, p. 20)

Diante disso, é inegável a importância dos contos de fadas para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança, pois a literatura reflete seu momento mágico, que é o

poder do simbólico atrair o real, ou seja, o encantamento proporcionado pelo texto leva a criança a enfrentar a sua realidade, bem como a ajuda a construir respostas significativas e a descobrir o prazer de ler, apropriando-se do conhecimento contido no texto. Assim, percebe-se que Bruno Bettelheim (2011) tem razão em dizer que os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte é.

2.4 O desenho infantil

O desenho, através de toda a sua simbologia, constitui igualmente um meio de liberação, de exercício criador, e facilita a tomada de consciência dos conflitos, pela interpretação.
(Oliveira, 1978, p. 44)

O desenho é uma das formas de expressão mais primárias da criança. Por meio dele, ela pode exprimir emoções e revelar aspectos inconscientes e, segundo Elaine M. de E. M de Oliveira (1978) ele deve ser considerado a partir de uma perspectiva psicanalítica para melhor compreendermos o sentido projetivo dos fantasmas da criança, pois:

Se levarmos em consideração a atividade inconsciente, existem os conteúdos latentes atrás da riqueza simbólica dos conteúdos manifestos, elaborados segundo uma realidade interna da criança, seus fantasmas, seus desejos inconscientes, as relações conflituais com os objetos do mundo externo e saídas da experiência vivida e recalçada. (E. M., Oliveira, 1978, P. 47)

Nessa citação, a autora mostra a importância do desenho infantil para o desenvolvimento da criança, pois seus conteúdos manifestos podem nos revelar os desejos, fantasmas e conflitos com o meio em que está inserida. Dessa forma, é possível compreender o alerta que está presente no desenho da criança, associando suas expressões verbais ao desenho em si e com o seu comportamento.

Sendo assim, melhor do que a fala, o desenho pode expressar sutilezas do intelecto e afetividade, que estão além do poder ou liberdade de expressão verbal. Dessa forma, a análise do desenho mostra-se de suma importância para a presente pesquisa, pois, através de uma possível interpretação psicanalítica do desenho infantil, pode-se descobrir indícios daquilo que constitui o mundo interior da criança (onde encontra-se o seu inconsciente, repleto de fantasias e fantasmas).

Joseph H. Di Leo (1985) alerta que os desenhos são instrumentos e devem ser apenas uma parte de procedimentos gerais de diagnóstico e terapia, devem ser um auxílio e não um substituto do clínico. Portanto, assim como o conto de fadas, o desenho é um auxílio para a investigação de vestígios inconscientes do sujeito desta pesquisa, pois “a interpretação da arte infantil não consegue ainda excluir a subjetividade humana; apenas por si só, as evidências estatísticas são limitadas no seu alcance e insuficientemente conclusivas para excluir pontos de vista conflitantes” (p. 12).

A partir dessa citação, percebe-se que, para se conhecer uma criança, só interpretar seu desenho não basta, pois o desenho é uma das formas de se estabelecer um *rapport* rápido e agradável com a criança. Dessa forma, é preciso que se estude a fundo esse sujeito, pois duas crianças não são iguais.

Diante disso, é correto afirmar que o sujeito tem papel ativo na análise, pois, ao desenhar, muitas vezes, a criança verbaliza e qualquer comentário sobre ao seu desenho é importante, pois pode revelar indícios de uma atitude, pensamento ou sentimento.

Nicole Bédard (2013) aponta que o desenho representa, em parte, a mente consciente, e, de maneira mais importante, faz referência ao inconsciente. Dessa forma, o que interessa para a sua análise não é a sua forma estética, mas, sim, seu simbolismo e as mensagens que o desenho transmite. Dito isso, a autora aponta algumas características de como a criança de quatro a cinco anos desenha (idade do sujeito em estudo), quais sejam: “escolhe as cores em função da realidade [...] e sua capacidade imaginativa é muito forte, razão pela qual os contos de fadas atraem muito mais sua atenção” (p. 9).

Diante dessa realidade, levando em conta o atual interesse do sujeito desta pesquisa pelo conto de fadas e pelo desenho, percebe-se que é importante deixar claro que a intenção não foi realizar uma “análise selvagem” dos desenhos, mas, sim, interpretá-los à luz da psicanálise, no intuito de abrir caminhos para o universo inconsciente, deixando que a imaginação da criança se manifestasse livremente para que pudesse se expressar da melhor maneira possível.

3. MÉTODO DE INTERVENÇÃO

Diante da escolha do aporte teórico focado na Psicanálise sobre um estudo de caso, se fez necessário que esta pesquisa se estruturasse de acordo com métodos qualitativos, pois, segundo Roberto Jarry Richardson e Colaboradores (1989, p.38): “a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social”. Dessa forma, nota-se que uma pesquisa qualitativa se mostra coerente para este estudo, pois se trata de uma intervenção psicopedagógica que envolve um sujeito com suas particularidades e complexidades dotado de uma subjetividade que não se pode compreender diante de um contexto quantitativo e, sim, qualitativo, uma vez que:

os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (Richardson & Colaboradores, 1989, p. 39)

À vista disso, percebe-se que a pesquisa qualitativa é uma ferramenta bastante eficiente para lidar com questões subjetivas inerentes ao sujeito, pois, como citado, pode contribuir para o processo de mudança, entendendo o humano de forma mais individualizada, respeitando suas particularidades diante de seu contexto social. Destarte, para dar corpo a essa metodologia, foram escolhidos os seguintes instrumentos de construção de informação para a intervenção: observação participante, entrevista não estruturada, questionário de perguntas abertas e fechadas, além da interpretação dos contos de fadas e do desenho e infantil.

3.1 Sujeito:

Uma criança de 4 anos de idade, que reside na cidade de Taguatinga – DF, filha de pais separados, é a caçula de três filhos por parte de mãe e tem uma irmã de 9 anos de idade por parte de pai. Mora com a mãe e seus dois irmãos mais velhos (por parte de mãe), uma moça de 24 anos e um rapaz de 20. Cursa a pré-escola (Infantil I) na “Casa de Brinquedos”, escola de iniciativa privada em Taguatinga – DF. Foi adotado o codinome “Anita” no intuito de preservar a identidade da criança.

3.2 Procedimentos Adotados:

3.2.1 Observação participante

Para embasar as primeiras impressões sobre o sujeito em estudo e seus contextos sociais, familiares e escolares, optou-se pela observação participante, tendo em vista que é um método qualitativo de investigação, no qual, segundo Richardson e Colaboradores (1989, p. 215): “o observador não é apenas um espectador do fato que está sendo estudado, ele se coloca na posição e ao nível dos outros elementos humanos que compõem o fenômeno a ser observado”.

Tendo em vista que o observador entra em contato não apenas com o sujeito, mas, também, com seu contexto social e interage com ele, a escolha da observação participante em detrimento da não participante (na qual o investigador não interage como parte do grupo observado), se justifica pelo fato dela oferecer ao observador participante mais condições de compreender os hábitos, atitudes, relações pessoais e características da vida diária da comunidade do que o observador não participante, uma vez este último não interage com o meio observado.

Dessa forma, foi utilizada a observação participante no primeiro contato com a criança, primeira intervenção de avaliação concretizada, no intuito de conhecer um pouco sobre ela, bem como seus gostos, preferências, receios e preocupações. Esse primeiro encontro ocorreu na residência do sujeito, no período da tarde, no qual houve a interação inicial por meio de conversas e brincadeiras.

3.2.2 Entrevista

Segundo Richardson e Colaboradores (1989), a entrevista é uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas envolvidas. A partir dessa relação, o pesquisador pode construir informações para a sua pesquisa. Dessa forma, foi escolhido, para se utilizar com a mãe e a professora da criança em estudo, a entrevista não estruturada, pois, segundo o autor:

a entrevista não estruturada, também chamada de entrevista em profundidade, em vez de responder à pergunta através de diversas alternativas pré-formuladas, visa obter do entrevistado o que ele considera os aspectos mais relevantes de determinado problema, as suas descrições de uma situação em estudo. (p. 161)

Para fazer acontecer essa entrevista, no intuito de resgatar do entrevistado suas impressões sobre um problema ou uma determinada situação, como descrito, foi elegida a entrevista não diretiva, pois ela permite ao entrevistado desenvolver suas opiniões e informações da maneira que ele estimar conveniente. Esse tipo de entrevista coube ao caso em estudo pelo fato de ter sido um complemento ao questionário respondido. Assim, o entrevistador desempenha apenas funções de orientação e estimulação, uma vez que o entrevistado não se prende a uma ordem fixa para as perguntas e respostas.

3.2.3 Questionário

O questionário é um método que permite ao pesquisador construir informações sobre diversos aspectos de seu objeto de estudo, pois, de acordo com Richardson & Colaboradores (1989, p. 142): “os questionários cumprem pelo menos duas funções: descrever as características e medir determinadas variáveis de um grupo social”.

A partir de sua definição, os questionários aplicados tiveram por finalidade contribuir para a compreensão das entrevistas não estruturadas realizadas tanto com a mãe da criança, como com a professora desta, ou seja, serviram para compreender a formação da criança, tanto no contexto familiar como no escolar.

3.2.3.1 Questionário de perguntas abertas

De acordo com o autor, “os questionários de perguntas abertas caracterizam-se por perguntas ou afirmações que levam o entrevistado a responder com frases ou orações” (p. 145). Diante disso, o pesquisador não se preocupada em antecipar as respostas, mas, sim, captar as opiniões emitidas pelo entrevistado.

Esse tipo de questionário foi realizado com a mãe da criança, a qual respondeu a perguntas em formato do que a autora Leila Sara José Chamat (2004, p. 52) chamou de ficha de controle ou, simplesmente, *anamnese* da família, entrevista com objetivo de avaliar o contexto familiar do sujeito.

3.2.3.2 Questionário que combinam perguntas abertas e fechadas

Nesse tipo de questionário, “as pergunta fechadas são destinadas a obter informação sociodemográfica do entrevistado e resposta de identificação de opiniões e as perguntas

abertas, destinadas a aprofundar as opiniões do entrevistador”. (Richardson & Colaboradores, 1989, p. 146)

Este questionário foi respondido pela professora da criança, em que houve perguntas fechadas sobre o comportamento e aprendizagem do sujeito, com opções prontas de resposta incluindo a opção “outros”, em que a respondente teve a liberdade de resposta. Além disso, houve a parte de perguntas abertas sobre dados gerais de identificação da criança no ambiente escolar e percepções da professora sobre a criança. Dessa forma, o questionário se dividiu em três partes: duas de perguntas abertas e uma de perguntas fechadas.

3.2.4 Leitura de contos de fadas

Merege (2010) afirma que os contos de fadas vêm sendo cada vez mais utilizados por psicólogos, psicanalistas e terapeutas tradicionais e alternativos como um poderoso instrumento de autoconhecimento, de aproximação com o divino e de cura, ou de superação de problemas individuais. Diante disso, tem-se que “a finalidade dessa prática, buscada pela terapêutica, é sempre a do resgate de conteúdos interiores, por meio da narrativa de mitos, contos e histórias pessoais” (p. 79).

Esse resgate de conteúdos interiores será guiado, através dos contos dos Irmãos Grimm listados abaixo:

3.2.4.1 O patinho feio

Para trabalhar a auto imagem, como a criança se percebe dentro de seu contexto familiar e social.

3.2.4.2 João e Maria

Para trabalhar a questão familiar, como se dão as relações familiares da criança.

3.2.4.3 Pinóquio

Para trabalhar as questões que permeiam a aprendizagem.

3.2.4.4 Contação de história pela criança

Para finalizar as intervenções, será contado, pela criança, um conto ou uma história de sua criação ou livre escolha, no intuito de analisar como ocorreu o processo de interação dela com a contação de história e a produção do desenho.

3.2.5 Produção do desenho infantil como técnica lúdica de avaliação e intervenção

As formas mais primárias de expressão da criança talvez sejam o brincar e o desenho, portanto, por meio dessas manifestações, a criança se revela e mostra como está se estruturando diante da realidade. Nesse sentido, a escolha das atividades para se trabalhar a leitura e possíveis interpretações dos contos de fadas no contexto em que a criança está inserida, justifica-se pelo fato de que, segundo Vera Barros de Oliveira (2013):

o enfoque na avaliação lúdica e gráfica é um dos muitos caminhos que nos possibilita ver como a criança inicia seu processo de adaptação à realidade através de uma conquista física, prática, funcional, aprendendo a lidar de forma cada vez mais coordenada, flexível e intencional com seu corpo, situando-o e organizando-o num contexto espaço-temporal que lhe é reconhecível, que começa a fazer sentido para a sua memória pessoal. (pp. 23-24)

Diante disso, levando-se em conta a importância do desenho para a formação da criança, foram escolhidas oficinas de desenho retiradas do livro *“Diagnóstico psicopedagógicos: o diagnóstico clínico na abordagem interacionista”* da autora Leila Sara José Chamat (2004). São elas:

3.2.5.1 Técnica do “eu” ideal e real

Segundo a autora, essa técnica objetiva detectar, por meio da projeção no desenho, como a criança se percebe, verificar a quantidade de afeto que despende de si mesma na questão do amor próprio, aceitação, rejeição.

Consiste em dois desenhos produzidos pela criança, sendo o primeiro sobre como a criança gostaria de ser e o segundo sobre como ela realmente é.

3.2.5.2 Técnica psicopedagógica do desenho da família

Chamat (2004) afirma que o objetivo dessa técnica é verificar, por meio do desenho da família, como a criança se coloca no contexto familiar, seus vínculos afetivos com as pessoas e com o conhecimento.

Essa técnica foi adaptada ao original, pois a criança realizará somente o desenho de sua família como ela a percebe.

3.2.5.3 Técnica psicopedagógica do desenho da escola

Objetiva detectar os aspectos afetivos, cognitivos e emocionais (subjacentes à aprendizagem) na criança ou adolescente, que explicam os bloqueios e inibições presentes na aprendizagem.

3.2.5.4 Técnica psicopedagógica do desenho livre

A autora Chamat (2004) aponta que essa técnica visa verificar, por meio da análise dos conteúdos manifestos e latentes, no desenho, os aspectos afetivos, cognitivos, motores e emocionais da criança. Sendo assim, consiste em pedir para a criança desenhar o que estiver com vontade no momento.

Observação: As entrevistas e os questionários de avaliação citados nesse método de intervenção foram esquematizados tomando como base as técnicas psicopedagógicas de avaliação constantes no livro *“A avaliação psicopedagógica numa abordagem institucional: procedimentos, instrumentos e elaboração de relatórios”* de Carolina Provvidenti da Paulo Gurgel (2010). As técnicas e os instrumentos de intervenção foram baseados no livro *“Diagnóstico psicopedagógicos: o diagnóstico clínico na abordagem interacionista”* da autora Leila Sara José Chamat (2004).

3. A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA: DA AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA À DISCUSSÃO DE CADA SESSÃO DE INTERVENÇÃO

4.1 Avaliação Psicopedagógica

Desenvolveu-se em três encontros: o primeiro, contato inicial com a criança; o segundo, *anamnese* com a mãe; e o terceiro, entrevista com a professora do sujeito em estudo.

4.1.1 Sessão de avaliação psicopedagógica 1 (05/04/2015):

4.1.1.1 Objetivo

Interação e conversa inicial com a criança;

4.1.1.2 Procedimento e material utilizado

Material utilizado: Caderno e caneta para anotações.

Procedimento: Este primeiro encontro aconteceu por volta das 13h30 na residência da criança e se deu pela observação participante e interação livre. Como já me conhecia, não precisei me apresentar, apenas disse-lhe que iríamos começar o trabalho que iria realizar com ela ao longo de algumas sessões, conforme conversado. Perguntei-lhe se estava bem e ela concordou com a cabeça, então, disse-lhe que eu estava ali para conversamos e brincarmos um pouco.

Diante disso, ela logo arregalou os olhos e perguntou do que iríamos brincar e eu disse pra ela escolher a brincadeira. Dessa forma, ela segurou a minha mão e pediu que a seguisse até os fundos de sua casa, na qual tem um quartinho ao lado da área de serviço onde ficam seus brinquedos e livros da mãe. Nesse local, perguntei do que gostaria de brincar e ela disse que, na verdade, queria ajuda para organizar seus brinquedos, pois sua priminha estava chegando para brincar com ela, então, queria deixar tudo arrumado para sua chegada. Assim o fizemos, cada uma colocou um brinquedo numa caixa de plástico que havia no local.

Nesse momento, a mãe dela surgiu na área de serviço e avisou que seu pai estava chegando também, então, ela (a criança) franziu o cenho e perguntou: “Pra quê ele está vindo aqui?” A mãe respondeu: “Pra te ver e entregar seu ovo de páscoa”, Anita baixou os

olhos e disse: “hum...” e voltou a mexer em seus brinquedos. Uns cinco minutos depois, o interfone tocou, ela foi correndo para a porta e eu fui atrás. O pai me cumprimentou e entregou o ovo de páscoa para a filha, porém, não entrou na casa nem tampouco demorou mais que três minutos para ir embora.

Anita colocou o ovo de chocolate em cima da mesa da sala, voltamos para os fundos e fomos para o quatinho de brinquedos novamente. Perguntei a ela quem eram alguns bonecos de pelúcia grandes que estavam numa caixa e ela foi respondendo um a um. Então, perguntei sobre quem ela mais gostava e veio a resposta “A Ana do Frozen” (uma das personagens principais do filme da Disney “*Frozen – Uma aventura congelante*”) e logo apontou para a boneca deitada no chão. Perguntei por que gostava da boneca, ela sorriu e disse que gostava porque ela era legal. Aproveitei a deixa e perguntei sobre o que mais ela gostava, então, disse que gostava de brincar de casinha, de mamãe e filhinha e de historinhas de princesa. Mostrou-me uns livros de contos de fadas que estavam numa prateleira e disse que eram todos bonitos porque eram de princesas.

Nessa hora, a mãe da menina apareceu novamente e disse que era hora de almoçar. Diante disso, fui convidada pela mãe para almoçar também, então, fomos para a mesa, servi meu prato e a mãe de Anita colocou o prato servido da menina numa mesa pequena para ela comer.

4.1.1.3 Resultados obtidos e discussão:

Nesse primeiro encontro, houve uma interação positiva em relação ao sujeito em estudo. A criança mostrou-se receptiva em relação a mim. Dessa forma, pude extrair um pouco sobre o que ela gosta e o que mais me chamou a atenção foi o fato de Anita se interessar pela leitura, pois afirmou gostar muito de histórias de princesas. Diante disso, tive a oportunidade de escolher melhor os contos a serem trabalhados nos encontros de intervenção, bem como a ordem de assuntos a serem trabalhados neles.

Outro fato a ser considerado nesse primeiro encontro é a questão paterna. O encontro ocorreu no domingo de páscoa e o pai da criança não estava presente, exceto por uma visita rápida que se deu na entrada da casa da menina. O pai entregou seu ovo de páscoa ao lado de fora casa, não se demorou nem cinco minutos e foi embora.

Por fim, outro fato relevante nesse primeiro encontro foi a hospitalidade da mãe de Anita, que, também, se mostrou receptiva a mim e disse que eu poderia contar com ela para quaisquer esclarecimentos acerca de sua filha, como comportamento em casa, na escola e relacionamento familiar. Diante dessa disponibilidade, pude elaborar melhor as perguntas do questionário para trabalhar na entrevista de *anamnese* com a mãe.

4.1.2 Sessão de avaliação psicopedagógica 2 (19/04/2015):

4.1.2.1 Objetivo

Questionário de *anamnese* com a mãe, seguido de entrevista, visando construir informações gerais sobre a história de vida e o desenvolvimento da criança.

4.1.2.2 procedimento e material utilizado

Material utilizado: Roteiro de perguntas em formato de ficha de controle.

Procedimento: Primeiramente, expliquei do que se tratavam o questionário e a entrevista, comentei sobre algumas perguntas e entreguei o questionário à mãe para que começasse a responder. Sentamos junto à mesa e ela começou a ler e responder as perguntas em voz alta. Assim, sempre que alguma de nós julgasse necessário, comentávamos algumas questões.

4.1.2.3 Resultados obtidos e discussão

Para fins de organização das perguntas, o roteiro foi dividido em três partes: a primeira, sobre dados de identificação da criança; a segunda, sobre sua filiação; e a terceira, sobre antecedentes pessoais.

A respondente, mãe da criança, teve dúvidas em algumas perguntas, não entendeu o que significavam outras e não se lembrava de algumas respostas referentes às perguntas sobre o histórico da criança, por isso, nem todas foram respondidas.

Diante disso, a proposta de análise e interpretação dessa intervenção não foi debater sobre todas as perguntas do questionário, mas, sim, expor algumas respostas pontuais e colocar em discussão algumas questões que se mostraram pertinentes sobre a criança a partir da escuta psicopedagógica (ou escuta sensível na teoria psicanalítica) mencionada no livro "*Diagnóstico psicopedagógico*", de Chamat (2004). Essa escuta, por sua vez, difere

da audição em si, ela se refere ao olhar-escutar, relacionar acontecimentos relatados na fala do sujeito ou em seu não dito, no intuito de interpretar as informações construídas.

Sobre as respostas pontuais, consta que Anita nasceu no dia 09/07/2010, é filha de pais separados, reside em Taguatinga Norte – DF com a mãe e os irmãos mais velhos, sendo a mãe responsável pela guarda da criança. Os pais possuem nível superior, sendo a mãe professora efetiva da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal e o pai professor temporário desta, além de empresário, dono de escola de ensino fundamental, segundo relato da respondente.

A mãe informa que Anita pratica balé na escola e tem como lazer cinema, teatro e parque, afirma que a criança possui sociabilidade muito boa e que brinca em casa com a família, nem sempre com outras crianças. As brincadeiras geralmente são de bonecas, cozinhar, casinha, espada.

Posto isso, a mãe citou que Anita gosta muito de brincar de “espadinha”, alega que é uma “elfa” (criatura mística, uma espécie de fada) e que terá uma festa de aniversário em que todos irão fantasiados de “*elfos*”. Sobre a companhia de brincadeiras de Anita, a mãe afirma que ela não brinca com colegas da rua, por exemplo. O contato dela com outras crianças acontece na escola, com o primo de mesma idade ou com filhos de amigas quando há encontros.

Em relação à concepção e gestação de Anita, a mãe informa que foi uma filha “planejada antecipadamente”, em que os pais queriam ter um filho, porém, a gravidez veio antes do previsto. Alega que foi uma gravidez de alto risco, mas não entrou em detalhes, e que estava em boas condições psicológicas, sendo o parto de forma *cesária* e que não houve nenhuma anormalidade ao nascer.

Referente à alimentação, a mãe respondeu que, no primeiro ano de vida, Anita mamou até os nove meses e passou a ingerir comida sólida aos seis meses. Sobre a alimentação atual, ela respondeu: é péssima! E justificou dizendo que ela tem dificuldade para comer, pois não come muitas coisas e as poucas que come ainda reclama.

Uma das partes que chamaram a atenção no questionário foi sobre o sono da criança. A mãe informa que ela apresenta sono calmo, na maioria das vezes, e que chora no sonho quando tem o sono agitado, como pesadelos, e dorme agarradinha com uma manta

chupando o dedo. Outro ponto importante relatado é que Anita não dorme sozinha, divide o quarto com a mãe e, às vezes, dorme com ela em sua cama. Sobre a atitude tomada para separar-se da criança, a mãe alega que conversa sobre o assunto e a reação dela é o choro.

Sobre essa questão, Chamat (2004) alega que, para se desenvolver de forma mais independente, a criança deve aceitar a saída do quarto dos pais e que a família, no caso de Anita, a mãe, tem de saber lidar com os sentimentos de exclusão ou a conseqüente mensagem decorrente de sua permanência noturna com a mãe. Nesse caso, como citado acima, a criança se mantém chorosa quando é tocado no assunto.

Sobre a parte da escolaridade, a mãe respondeu que a filha ingressou na escola com dois anos e sete meses e que não apresentou nenhuma dificuldade adaptação. Chamat (2004) se refere a essa situação como o “rompimento do segundo parto psíquico com a mãe” do ponto de vida da relação dual mãe-filha, no qual a criança ingressa na escola e se “separa” dessa relação dual com mãe e passa a se relacionar com terceiros em outros ambientes. Dessa forma, podemos inferir, pelas respostas da mãe, que essa separação ocorreu de forma tranquilo, sem incertezas ou angústias.

Ainda sobre esse tema, a mãe afirmou que Anita gosta de ir à escola, realiza atividades em casa duas vezes por semana e que não apresentou nem apresenta qualquer dificuldade na escola. Essa resposta da mãe parece um pouco equivocada, pois não é raro crianças sentirem dificuldade em se separem da mãe para ir à escola nos primeiros dias de aula. Assim, uma criança tão novinha e tão apegada com a mãe não teria enfrentado nenhum tipo de dificuldade em relação à adaptação escolar? E nos dias atuais, será que a criança realmente não apresenta nenhum tipo de dificuldade na escola?

No tocante ao relacionamento familiar, a respondente afirmou que Anita é extremamente amorosa com os pais e possui sentimentos de segurança e estabilidade com a mãe e carência pela ausência do pai. Em relação aos irmãos, tem sentimentos parecidos aos da mãe com a irmã e é carinhosa e tem um relacionamento tranquilo com o irmão; além de ser muito carinhosa com a irmã por parte de pai.

A respeito das formas de punição que são aplicadas à Anita, a mãe destaca o castigo, que é o “canto do pensamento” e ficar sem leitura ao dormir, e, às vezes, palmadas.

O curioso é perceber que a ausência de leitura ao dormir seja uma forma de punição, tendo em vista que, para algumas crianças, o castigo seria justamente o contrário!

Segundo Lajonquière (2009, p. 138): “a mão do homem é capaz de *adestrar* alguns animais, isto é, pode endereçar, até certo limite, o desenvolvimento de capacidade de ação dada pela natureza animal”. Todavia, a oferta de uma palavra que o adulto sustenta para uma criança leva consigo o poder de educar. Diante dessas palavras, o autor argumenta que a intervenção do adulto é capaz de moldar ou escrever sobre o caráter infantil.

Diante disso, podemos inferir claramente que a mãe de Anita tem esse poder de forma imensa, pois possui uma ligação muito forte com a menina, seja pela palavra, seja pelo toque.

Ao final do questionário, no campo destinado a observações, a respondente poderia ter escrito alguma informação não cobrada nas perguntas ou algo que julgasse necessário para melhor compreensão de suas respostas, mas, apenas escreveu a seguinte frase: “minha filha é um anjo na minha vida”. Essa afirmação pode revelar o valor que a criança tem para a mãe, como algo divino que a completa.

4.1.3 Sessão de avaliação psicopedagógica 3 (22/04/2015):

4.1.3.1 Objetivo

Questionário com a professora criança, a fim de conhecer sobre a proposta pedagógica utilizada em sala de aula, bem como obter informações sobre sua visão de aprendizagem da criança e seus comportamentos.

4.1.3.2 Procedimento e material utilizado

Material utilizado: Questionário com perguntas abertas sobre dados gerais de identificação da criança no ambiente escolar e percepções da professora sobre a criança e perguntas fechadas sobre o comportamento e aprendizagem do sujeito.

Procedimento: O questionário foi dividido em três partes, sendo a primeira com questões abertas acerca dos dados gerais da criança, como rotina de trabalho em sala de aula, percepção da professora sobre erros e dificuldades de aprendizagem, sua concepção pedagógica, avaliação; a segunda, contendo questões fechadas, com opção de observação, sobre o comportamento e aprendizagem da criança; e, por fim, a terceira parte, abarcando

as percepções da professora sobre o sujeito em análise. Dessa forma, o questionário com todas as partes foi entregue à professora da criança por intermédio de sua mãe.

4.1.3.3 Resultados obtidos e discussão

A ideia não foi discutir ou colocar em questão todas as perguntas do questionário, mas, sim, apontar alguns questionamentos pertinentes acerca da situação da criança em sala de sala, como a socialização, realização de tarefas e a visão de aprendizagem da professora, bem como sua percepção sobre as potencialidades e possíveis dificuldades da criança.

Diante disso, na primeira parte, um dos pontos que me chamou a atenção foi o fato de a professora afirmar que utiliza a abordagem socioconstrutivista em sala de aula e fornecer uma afirmação tão evasiva sobre seu posicionamento em relação à educação e aprendizagem, alegando, apenas, que uma está interligada à outra, citou que não há educação sem aprendizagem.

Outro ponto intrigante foi a resposta dada à pergunta “O que você pensa sobre dificuldade de aprendizagem e os erros cometidos pelos alunos?”. Ela simplesmente afirmou que não existem erros na educação, escreveu que é um “experimental” todos os dias. Isso se torna contraditório quando ela alega utilizar a pedagogia socioconstrutivista, pois essa abordagem considera o erro e coloca-o como forma de aprendizagem, porque, por meio do erro, o professor tem condições de criar situações de aprendizagem a fim de superá-lo.

Como rotina de trabalho, a professora citou que começa o dia com quinze minutos de socialização, seguida de rodinha com histórias e, por fim, passa a introduzir conceitos. Alegou, também, que, como forma de avaliação, utiliza jogos, brincadeiras, músicas e atividades escritas.

Entrando na segunda parte, sobre as perguntas fechadas, com campo para observação, acerca do comportamento e aprendizagem da criança, há muitas respostas que chamaram a atenção. As primeiras são em relação às potencialidades da criança, a professora aponta que Anita possui um ritmo de trabalho normal, parece ter boa motivação para o aprendizado e é obediente em sala de aula.

Essa parte condiz com as intervenções realizadas com ela, pois se mostra interessada nas histórias contadas, bem como para produzir os desenhos. Além disso, é uma

criança animada, carinhosa, sempre me recebe com beijo e abraço, é “faladeira”, gosta de contar vivências do seu dia a dia e sempre me convida para brincar, oferecendo-me um brinquedo ou outro.

Em relação às possíveis dificuldades da criança, uma das questões que chama a atenção é sobre a qualidade do trabalho realizado pela criança, em que a professora respondeu que ela inicia os trabalhos, mas não os conclui, considera a aluna pouco persistente. Em consonância com essa pergunta, a professora respondeu que, quando a criança apresenta dificuldades, deixa o trabalho de lado sem pedir ajuda.

Esse comportamento pode ser reflexo da estrutura familiar na qual Anita está inserida, pois, segundo relato de sua mãe, em sua casa, ela (a mãe) é quem sempre realiza as tarefas do lar, salvo quando tem a ajuda da filha mais velha em alguns afazeres domésticos. O irmão passa a maior parte do tempo fora de casa e, quando está presente, “se tranca” dentro de seu quarto e só sai para comer. Já a irmã dedica algum tempo para brincar com Anita, bem como auxiliá-la em deveres de casa. Diante disso, a mãe alega que é ela quem tem de resolver todos os problemas de casa, porque é cada um por si, os filhos só resolvem seus próprios problemas.

Dessa forma, é compreensível que Anita apresente esse comportamento em sala aula. Como exigir de uma criança pequena, quando apresenta dificuldade, que peça ajuda, sendo que, no próprio lar, só pode contar praticamente com a mãe? Longe do aconchego materno é que essa criança apresenta mais dificuldades e inseguranças, pois é onde ela não consegue encontrar apoio.

O adulto exerce poder sobre a criança em qualquer espaço e tempo, então, na sala de aula isso não é diferente, o professor tem poder sobre seus alunos. Diante disso, Voltolini (2011) afirma que a impossível maestria (educação impossível) não resulta apenas do impossível controle do educador sobre o que ele ensina, mas, igualmente, da posição a partir da qual o educando toma essa presença. Ou seja, o professor não tem controle sobre o impacto que exerce sobre seus alunos, muitas vezes, não tem nem noção de que o exerce.

Levando em consideração essas relações entre professor e aluno, nota-se que o fato de a criança deixar de lado um trabalho ao apresentar dificuldade e não pedir ajuda, pode ser, também, uma realidade da sala de aula pela falta de sensibilidade por parte da

professora em prestar mais atenção aos sinais que a criança manifesta, pois, nas intervenções, quando ela diz que não consegue fazer uma coisa ou não sabe realizar outra, eu sempre a incentivo a fazer do jeito que ela sabe, porque a criança sempre vai saber fazer alguma coisa, ainda que não seja do jeito que o adulto deseja, mas, do jeito dela.

Outro ponto pertinente, que leva em consideração a relação entre a escola e a família, é sobre a frequência escolar. A professora marcou como resposta a esse item, que a criança tem muitas faltas e atrasos constantes. Faltas e atrasos são fatores que alteram a rotina escolar, podendo ocasionar transtornos no tocante à aprendizagem da criança, uma vez que, ao faltar à aula, ela perde o ritmo e o andamento do desenvolvimento de um conteúdo.

Sobre essa situação, a mãe de Anita alegou que ela não tem muitos atrasos nem faltas e que a professora respondeu a essa questão de maneira equivocada. Como não convivo diariamente com a menina nem tenho certeza sobre seus horários e não a acompanho na escola, não posso afirmar quem relata a verdade. O fato é que esse “desentendimento”, digamos assim, pode ser prejudicial à relação família-escola, que é crucial para o bom desempenho da criança, uma vez que a educação escolar não pertence somente à escola e a educação familiar, somente à família; a educação é um processo único, que acontece em todos os ambientes nos quais o sujeito está inserido.

O final da segunda parte do questionário se reporta ao comportamento da criança em sala de aula. Dessa forma, dentre várias características, tanto “positivas” como “negativas”, a professora ressaltou que Anita é ansiosa, insegura, apresenta tristeza em sala de aula e não marcou nenhuma resposta sobre o comportamento “positivo” de Anita. Diante disso, fica o questionamento: como pode uma criança tão “faladeira”, extrovertida, brincalhona, não apresentar nenhuma atitude “positiva”?

Novamente entra a questão da (falta de) sensibilidade do educador. Uma criança não apresenta uma dualidade entre pontos “positivos” ou “negativos”. Aliás, o que define positivo e negativo? Há uma linha tênue entre o que é bom ou ruim e essa definição vai depender da visão de mundo e de aprendizagem que o profissional tem sobre sua prática.

Referente à terceira parte, a respeito da percepção da professora sobre a criança, ela afirma que Anita compreende bem as lições, tem a pintura e a oralidade como principais

potencialidades. Diante das intervenções, pude perceber que ela realmente é uma criança com oralidade muito avançada e, muitas vezes, conversa como se fosse um adulto pequeno, tem assuntos de “gente grande” e não apropriados para a sua idade. Talvez isso se justifique pela convivência diária com a mãe e seus irmãos, que são adultos e, também, pela forma com sua mãe a trata e as histórias que lhe conta.

A professora alega que a principal dificuldade de Anita é finalizar as atividades, uma vez que para de realizá-las quando sente dificuldade, como relatado anteriormente. Isso foi observado nas intervenções também, pois ela sempre para no meio da produção do desenho, alegando não saber ou não conseguir. Todavia, eu digo que ela pode desenhar do jeito que sabe e ela continua a produção.

Em *“O interesse científico da psicanálise”* (1913), Freud afirma que não se pode ser educador se não é capaz de participar da vida psíquica da criança e, se não as compreendemos, é porque não compreendemos mais nossa própria infância. Diante disso, podemos levantar a hipótese de que a professora de Anita pode ter questões mal resolvidas sobre sua própria infância, uma vez que ela parece não prestar atenção aos sinais da criança, ao socorro silencioso que ela apresenta, seja quando ela não pede ajuda quando apresenta dificuldade, seja quando ela se mostra insegura.

Ao final do questionário, a professora relata que está preocupada com o emocional da criança, que afirma ter medo de perder a mãe numa cirurgia que está prestes a se submeter. Sobre esse medo, a mãe relatou que Anita está muito emotiva, chora quando ela vai para o trabalho e, que, num dia específico na escola, Anita chorou “do nada” descompensadamente e que, ao ser indagada pela professora, afirmou que estava chorando porque tem medo de perder a mãe, já que não tem pai. Essa situação é um tanto intrigante, pois Anita tem pai, ou seja, está implícita a ausência do pai na vida da menina e seu sentimento de perda diante dessa realidade.

Essas questões familiares podem ser brechas nas quais há vestígios inconscientes da relação que Anita mantém em sala de aula, bem como sobre o seu processo de desenvolvimento. Diante disso, é de extrema importância que o educador se atente a esses detalhes, pois cada criança aprende de uma forma única e procede de um contexto diferente, do qual carrega vivências para o resto da vida.

Lajonquière (2009) aponta que a educação marca os sujeitos enquanto semelhantes, porém, ser semelhante não significa ser igual ou que cada um seja a réplica de um outro e que parte do que se transmite em todo ato educativo se repete, mas uma outra parte se perde de maneira que, ao todo, a marca na sua repetição acaba diferindo. Sendo assim, o professor deve procurar caminhos diferenciados para lidar com seus alunos, seja no tocante às relações afetivas, seja às de aprendizagem.

4.2 As Sessões de Intervenção

4.2.1 Sessão de intervenção psicopedagógica 1 (21/04/2015):

4.2.1.1 Objetivo

Levantar os aspectos afetivo-cognitivos que possam vir a dificultar o processo de aprendizagem de Anita; detectar, através do desenho e história contada, como o sujeito se percebe; e analisar a questão do afeto que tem sobre si, como amor próprio, aceitação ou rejeição.

4.2.1.2 Procedimento e material utilizado

Material utilizado: Livro “O patinho feio”, papel A4 branco, lápis de cor, lápis de escrever e borracha.

Procedimento: Leitura do conto e aplicação da técnica do “eu” ideal e real: 1 desenho sobre o eu ideal e 1 desenho sobre o eu real. Dessa forma, primeiramente, avisei qual conto seria lido para a criança e ela ficou animada e disse que não conhecia a história, embora a mãe tenha dito, em outro momento, que ela conhecia a história quando comentei quais seriam os contos trabalhados nas intervenções. Dessa forma, li a história inteira sem nenhuma interrupção da criança, que ouvia tudo atentamente. Ao final da história, perguntei a ela se o patinho era, de fato, feio, e ela respondeu que não balançando a cabeça. Então, perguntei se o patinho, ao virar cisne, havia ficado bonito e ela respondeu: “ficou lindo, lindo”. Perguntei o que ela mais gostou da história e ela respondeu “de tudo”. Dessa forma, disse a ela que, de acordo com a história, o patinho da história era feio e depois ficou bonito. Pedi a ela que fizesse um desenho de si como ela gostaria de ser e, após terminar o desenho, pedi a ela que fizesse outro desenho de como ela realmente é.

4.2.1.3 Resultados obtidos e discussão

De acordo com Dieckmann (1986), existem dois mundos: um da experiência, do completamente natural, e outro impera a magia. Diante disso, o autor afirma que, se transpusessemos esses dois mundos para o interior da alma, o primeiro (normal e costumeiro) corresponderia à nossa consciência e o segundo (fantástico) seria equiparado ao nosso inconsciente, no qual tudo é possível diante dos sonhos e fantasias. Sendo assim, podemos afirmar que consciência e inconsciência são os grandes contrastes nos quais os contos de fadas se desenrolam e mantêm relação.

O conto de fadas “O patinho feio” retrata a história de uma ave que, quando recém emplumada, ornada de penas, é desprezada, mas que, ao final, prova sua superioridade a todos os que dela zombaram, mal dizendo-a de feia.

Assim como a criança em intervenção, o patinho feio é o mais novo e o último filhote da ninhada a nascer. Bettelheim (2011) afirma que esta história é muito mais para adultos do que para crianças, embora elas, também, apreciem-na. O autor alega isso por que esta história, o patinho feio, orienta mal a fantasia, pois:

a criança que se sente incompreendida e desvalorizada pode desejar ser de uma estirpe diversa, mas sabe que é impossível. Sua oportunidade de sucesso na vida não está em crescer e se transformar num ser de natureza diferente, tal como o patinho que cresce e se transforma num cisne, mas, sendo ela da mesma natureza de seus pais e seus irmãos, em adquirir qualidades melhores e em ter melhor desempenho do que os outros esperam. (p. 150)

Essa citação lembrou-me o momento em que solicitei à criança que produzisse um desenho retratando como ela gostaria de ser. Na ocasião, ela fitou meus olhos e disse que gostaria de ser a Malévola (personagem principal de um filme de animação da Disney). Diante dessa declaração, eu perguntei por que ela gostaria de ser a Malévola. Ela, então, disse que queria sê-la porque ela tem asas e gostaria de voar também, para sobrevoar por toda a cidade. Depois disso, pedi a ela que desenhasse.

Embora tenha dito esse discurso, a criança não produziu um desenho de como gostaria de ser com asas. Isso vem a calhar com as palavras de Bettelheim (2011), pois a criança sabe que é impossível ter asas de verdade, embora deseje profundamente, então, ela preferiu se desenhar assim:



Anita selecionou o lápis de cor marrom para produzir toda a pictografia. Ao desenhar, vocalizava: “aqui são os meus olhos, meu nariz, minha boca, meu cabelo curto, porque meu cabelo é curto... agora o meu pescoço e meu corpo”. Nessa hora, ela parou de desenhar e perguntei se ela havia terminado. Então, ela disse que não, que ainda faltava o resto e desenhou abaixo do “corpo” e disse: “aqui é minha barriga” e fez um desenho acentuando a parte da barriga (a parte debaixo do desenho). Nesse momento, a tia, que estava ao lado da criança, perguntou, com ironia, de quem era o “barrigão” e Anita levantou da mesa, sentou-se no sofá e se pôs a chorar.

Acredito que, assim como o patinho feio se sentia debochado, a criança também se sentiu ridicularizada, quando a tia perguntou às gargalhadas de quem era o “barrigão” de seu desenho. Não creio que fosse a intenção da tia caçoar de seu desenho, talvez estivesse apenas tentando interagir com o momento. Porém, o efeito foi desastroso, Anita não reagiu bem.

Di Leo (1985) afirma que confiar apenas em detalhes específicos de um desenho pode ser enganador, uma vez que as pictografias são apenas parte de uma avaliação abrangente, assim, deve-se ser feita uma avaliação global dos desenhos, sem, todavia, negligenciar o significado dos itens individuais. Diante disso, é preciso olhar para todo o desenho e, neste primeiro, nota-se que Anita não se desenhou de forma humana completa, pois lhes faltam os braços e as pernas, bem como mãos e pés. Dessa forma, segundo o

autor, essa produção sugere insegurança, pois a criança não se desenhou como pessoa completa, uma vez que lhe faltam partes do corpo, como se ela se percebesse como um ser incompleto de si mesmo.

Para contornar a situação ocorrida no primeiro desenho, pedi à tia que não comentasse mais sobre a atividade e nos deixasse a sós, ela o fez. Assim, trouxe Anita de volta para a mesa, disse que seu desenho estava lindo e que ela poderia continuar a desenhar. Ela, por sua vez, disse que não queria mais, que já havia terminado. Diante dessa situação, eu entreguei outra folha branca para ela e pedi que produzisse um desenho de como ela se percebia, como era de verdade.

Anita enxugou os olhos e escolheu o lápis de escrever para desenhar. Dessa vez, porém, ela não vocalizou ao produzir os traços de sua segunda produção. Fez o desenho de uma pessoa e perguntou se precisava pintar, eu disse que só se ela quisesse. Dessa forma, ela apanhou o lápis de cor azul e rabiscou acima de seu desenho, dizendo que eram as nuvens. Após esse momento, ela disse que não queria mais desenhar, pois estava cansada, e me entregou o desenho. Segue o produto final:



Nota-se, de forma bem clara, a transição na interação da criança com sua produção do primeiro ao segundo desenho. No primeiro, Anita estava mais à vontade, vocalizou enquanto desenhava. Após o comentário da tia, que surtiu efeito de reprovação, a criança se retraiu, não verbalizou nenhuma palavra sequer ao desenhar, apenas perguntou se deveria pintar o desenho, quando terminou.

Essa situação revela o quanto é importante o estímulo, o incentivo no processo de criação e aprendizagem do sujeito. Sendo assim, o contrário pode gerar sentimento de recusa na criança, uma vez que o desapontamento desencoraja o sujeito a avançar, a progredir. Sobre isso, Bettelheim (2011) assegura que “as experiências e reações mais importantes da criança pequena são, em sua maior parte, subconscientes e devem permanecer assim até que ela atinja uma idade e compreensão mais adulta” (p. 27). Ou seja, há um momento para cada acontecimento e, ainda que quiséssemos lidar com essas questões, não poderíamos de forma superficial, pois o que é inconsciente só vem à tona por meio de brechas deixadas pela consciência do próprio sujeito, assim, se a criança não nos trazer pistas sobre o sentimento que teve ao ser “criticada” pela tia, jamais poderemos afirmar o que, de fato, resultou em seu choro.

Anita produziu os dois desenhos utilizando a parte superior e direita da folha. Bédard (2013) alega que, ao desenhar fazendo uso da parte superior, significa que a criança está disposta a adquirir mais conhecimentos, uma vez que esse espaço (superior) representa a cabeça, o intelecto, a imaginação, a curiosidade e o desejo de descobrir coisas novas. Anita se encaixa nessa afirmação, demonstra ser uma criança muito inteligente, pois é curiosa, tem muita imaginação e possui muito conhecimento sobre histórias, mitos, conhece praticamente todos os deuses mitológicos!

Em relação ao uso do lado direito da folha, a autora afirma que:

a criança que, ao desenhar, ocupa a área direita do papel está descobrindo uma certa tendência a pensar somente no futuro. O amanhã, para ela, representa algum sucesso muito especial. Dedicava muita energia e muitas esperanças no futuro. (p. 16)

Pelas conversas informais e intervenções feitas até então, não se pode afirmar que Anita é uma criança apenas centrada no futuro, entretanto, houve fragmentos na fala da mãe que deixaram vestígios sobre preocupações da criança em relação ao futuro. Quando a mãe

vai ao trabalho, Anita chora, abraça a mãe e diz ter medo de perdê-la. Essa cena vem acontecendo de forma recorrente, tanto em casa como na escola, segundo relato da mãe.

Ocorreu um dia na escola em que Anita chorou sem motivo aparente e a professora perguntou-lhe o que havia acontecido e ela disse que estava chorando porque tem medo de perder a mãe, já que não tem pai. Essa afirmação, por sua vez, não condiz com a realidade, pois Anita tem pai.

Esses acontecimentos podem ser uma revelação sobre o sofrimento da criança pela ausência física do pai em sua vida, pois, segundo a mãe, o pai de Anita só é presente em dinheiro, não tem de deixar faltar nada de material à filha, porém, em relação à presença, ele é descuidado, só busca a filha para passar um final de semana com ele apenas uma vez ao mês.

E. M. de Oliveira (1978) aponta que as próprias representações do desenho são sempre revestidas de conteúdo manifesto, que representa a realidade externa, e de conteúdo latente, o que esconde sobre a realidade interna. Diante disso, não basta que nos atentemos apenas ao conteúdo explícito no desenho, pois, segundo a autora, é preciso que façamos uso da escuta sensível ao dito e ao não dito da criança, uma vez que:

há uma combinação dessas realidades apresentadas sob forma de fantasias ou imagens de relações que não deixam de ser ou fazer parte daquilo que é vivido no meio ambiente, o que, por sua vez, explica uma parte da vivência social. (p. 83)

Com base nessa citação, pode-se inferir, mais uma vez, que o desenho é uma ferramenta para a interpretação de uma realidade psíquica, que não deve ocorrer de forma isolada, pois o desenho, bem como a autora defendeu, representa parte de uma vivência social, não, necessariamente, todas as vivências da criança.

4.2.2 Sessão de intervenção psicopedagógica 2 (03/05/2015):

4.2.2.1 Objetivo

Analisar como a criança se coloca no contexto familiar e como se dão as relações familiares.

4.2.2.2 Procedimento e material utilizado

Material utilizado: Livro “João e Maria”, papel A4 branco, lápis de cor, lápis de escrever e borracha.

Procedimento: Leitura do conto de fadas seguida da técnica psicopedagógica do desenho da família por parte da criança. Primeiro, contei à Anita qual seria a história do dia e ela logo exclamou: “a historinha da bruxa má!” e colocou a mão na boca com um semblante de espanto, como que para calar a sua voz. Então, eu disse que tinha bruxa na história, abri o livro e comecei a contar. Logo depois, fiz algumas perguntas sobre a história e pedi a ela que desenhasse a sua família.

4.2.2.3 Resultados obtidos e discussão

Bettelheim (2011) afirma que “João e Maria” é um conto que começa de forma realista, em que o pai e a madrasta são pobres e se preocupam com sua capacidade de cuidar dos dois filhos. Diante disso, o autor mostra uma realidade, segundo ele, desagradável: “a pobreza e a privação não aperfeiçoam o caráter do homem, antes o tornam mais egoísta, menos sensível aos sofrimentos dos outros” (p. 223).

Essa realidade, por sua vez, pode inclinar o homem a praticar más ações. Esse é o caso do presente conto, pois a madrasta, no intuito de resolver o problema da falta de comida para alimentar a todos em casa, alicia o pai a abandonar João e Maria no meio da floresta com um pedaço de biscoito cada. Dessa forma, nota-se que as crianças estão convencidas de que seus pais planejam deixá-las morrer de fome.

Segundo Bettelheim (2011), a mãe representa a fonte de toda a alimentação para os filhos e, no caso do presente conto, essa mesma mãe (a madrasta) é percebida como aquela que abandona os filhos, uma vez que, quando ela passa a não satisfazer todas as vontades da criança, se torna desamadora, egoísta e rejeitadora.

Talvez essa constatação seja a realidade da família de Anita, na qual há a mãe que a super protege o tempo todo, afirmando que “princesa” não pode fazer isso nem aquilo, colocando, assim, a filha numa redoma de vidro que pode estourar a qualquer momento, pois não permite que a criança descubra o mundo por si mesma, podendo-a, muitas vezes. Pode ser que a mãe faça isso inconscientemente, sendo, em tempo integral, essa fonte de alimentação por receio de se tornar desamadora.

Dieckmann (1986) afirma que a figura principal desse conto é a bruxa e ela possui duas características bem acentuadas: a primeira, é que ela é muito má, pois pretende comer as crianças literalmente; a segunda, é que tem algo a ver com o alimento, pois é proprietária da casinha comestível e alimenta as crianças para engordá-las. Diante disso, o autor aponta que essa bruxa é uma figura materna má e demoníaca e que ela pode fazer relação com mães reais, não no sentido demoníaco da palavra, mas no meio termo, pois as pessoas não são totalmente boas ou más, como nos contos de fadas.

Assim, as mães relacionadas com a imagem da bruxa se referem a mães que agem, inconscientemente, com esse impulso, de segurar a criança, mimando-a perto de si, de comprar o seu amor por intermédio de doces, de impedir sua independência e de se aproveitar da existência da criança para a satisfação de suas próprias necessidades e exigências, exemplo disso pode ser visto em situações em que uma mãe fala “vou dar ao meu filho tudo o que eu não tive”.

O processo de afastamento da mãe bem sucedido, no qual a criança adquire autonomia, não pode sofrer perturbações nem para um lado nem para outro, pois, conforme relata Dieckmann (1986), independência prematura ou falta de mãe ou extremo leva a parada ou mesmo o regresso no desenvolvimento espiritual e corporal da criança, pois, por um lado, a atitude maternalista exagerada leva à danificação da independência e da individualidade da criança. Sendo assim, é preciso que haja um equilíbrio para que o sujeito se desenvolva com naturalidade, sem prejuízos para sua personalidade.

Bettelheim (2011) alega que, “implicitamente, a história discorre sobre as consequências debilitantes de tentar lidar com os problemas da vida por meio da regressão e da negação, que reduzem a capacidade de resolvê-los” (p. 224). Dessa forma, João, na primeira vez em que é abandonado com a irmã na floresta, joga pedrinhas no chão para marcar o caminho de volta para casa; na segunda vez, porém, quando tem a certeza de que seus pais planejam deixá-los morrer de fome, joga o pão que lhe foi dado em migalhas no chão para marcar o caminho. Todavia, ele não pensou que os pássaros poderiam comer as migalhas. Diante disso, nota-se que João, negando, inconscientemente o fato de serem abandonados, não consegue usar sua inteligência de forma racional na situação, ao contrário do que ele fez na primeira vez, quando não sabia os planos dos pais.

Dessa forma, ao perceber-se passando por um problema real, João nega essa situação e regride na forma de resolver o problema, antes usando pedras e, depois, migalhas de pão para, inutilmente, marcar o caminho de volta para casa.

Essa negação e regressão podem estar presentes na relação mãe e filha de Anita, uma vez que sua mãe “nega” seu desenvolvimento e age com uma espécie de regressão na sua educação, pois, inconscientemente, a mãe não quer enxergar que a filha não é mais um bebê, no qual ela apoderava-se e mantinha “todo” o controle. Embora seja a filha caçula, Anita agora é uma criança crescida, com desejos e vontades próprias e sua mãe não tem controle sobre isso, nem mesmo ela (Anita) tem, e precisa ser liberta das “garras” da mãe para que possa se descobrir como pessoa, não como extensão de seu corpo.

Bettelheim (2011) afirma que o encontro ameaçador das crianças com a bruxa traz consequências boas, tanto para as crianças como para os pais, pois ambos passam a viver mais felizes a partir daí, uma vez que a bruxa representa o perigo da dependência, pois, a partir do momento em que as crianças empurram a bruxa para o forno e a queimam, elas se libertam das garras da bruxa e ganham a liberdade, simbolizada pela independência de irem para casa. Essa independência, portanto, amadurece a criança e a torna menos dependente dos pais.

Diante disso, podemos inferir que Anita e sua mãe ainda não tenham tido o encontro com a bruxa real. A mãe ainda não forneceu meios para que a criança supere essa dependência e atinja maturidade suficiente para se desenvolver, principalmente, emocionalmente. Exemplo disso é o fato de a criança ainda dormir no mesmo quarto da mãe e receber, por parte desta, mamadeira para dormir.

Essa dependência extrema se reflete no comportamento da criança, tanto em casa como na escola ou em outros ambientes de socialização. Nas intervenções em que a mãe estava presente, quando era indagada sobre os contos ou sobre seus desenhos, Anita sempre olhava para a mãe à espera de uma resposta e não se prontificava a elaborar suas próprias respostas. Além disso, ela teme a perda mãe, que relata crise de choro de Anita toda vez que vai ao trabalho e em alguns momentos na escola. Dessa forma, podemos afirmar que esse conto de fadas contribui para a formação da criança, mostrando-a que ela pode superar

a dependência imatura dos pais, representada pela bruxa, e atingir níveis mais elevados de desenvolvimento.

Após a leitura do conto, dei o comando para que Anita produzisse um desenho contendo toda a sua família. Ela, então, começou a desenhar sua mãe, fato percebido pela vocalização dela, e, depois, desenhou o irmão ao lado da mãe. Ao verso da folha, ela disse que queria desenhar a mãe novamente. Eu nada falei, então, ela começou a desenhar e afirmou que não era a mãe, mas, sim, ela mesma. Isso pode revelar a forte presença da mãe na vida da criança.

Observe o primeiro desenho:



Anita disse que o primeiro boneco é sua mãe, desenhou-a com pernas e braços longos, fez um joelho maior que o outro e disse que é porque a mãe tem problema num joelho e ele está inchado. E fez um pé maior que outro e afirmou ser porque a mãe tem problema no pé e ele também está inchado. Fez muita pressão no lápis para desenhar os cabelos da mãe e disse que eram curtos iguais aos seus.

O segundo boneco, por sua vez, é seu irmão. Fez seu desenho “colado” ao sol, único elemento da pictografia colorido. O boneco representando o irmão não tem braços nem corpo, apenas a cabeça, duas pernas e pés. Ela disse que não fez cabelo nele porque ele é careca.

Diante dessa representação, encontramos Di Leo (1985) afirmando que é através do toque que podemos receber ou conceder afeto, uma vez que braços e mãos abençoam ou condenam, dão ou tomam. Dessa forma, o simbolismo dessas extremidades manifesta as relações afetivas nos relacionamentos, seja pela presença ou pela ausência. Assim, se não há braços nem mãos, não há toque, não há mãos que alcancem, não há cuidado. Portanto, essa pode ser uma manifestação latente a respeito da relação de Anita com o irmão, relatada pela mãe.

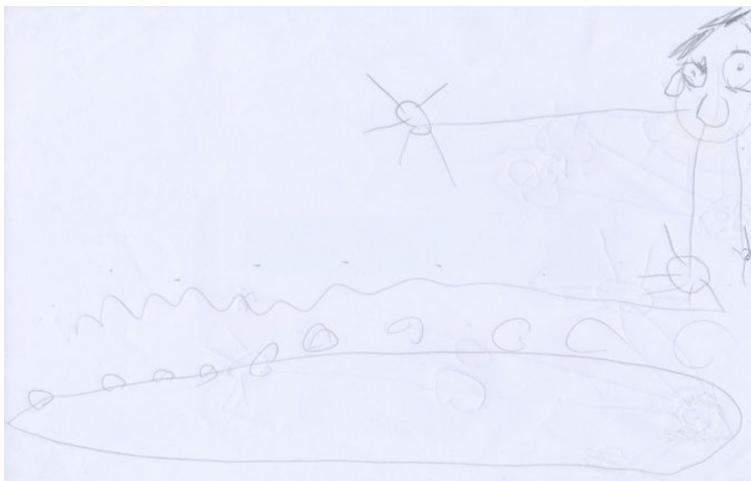
Assim como nos outras produções, Anita realizou o desenho utilizando a parte superior da folha, indicando inteligência, e desenhou a mãe ao lado esquerdo, posicionando-a ao lado feminino da folha, como afirma Bédard (2013).

Embora, na realidade, o irmão seja maior em tamanho em relação à mãe, Anita o representou de forma bem pequena, quase do tamanho dos braços da mãe. Essa imagem pode representar o poder da mãe, na visão da criança, sobre a família, bem como a presença que o irmão tem para como ela, pois, segundo a *anamnese* familiar, o irmão dedica pouco tempo para estar com Anita.

É muito comum as crianças desenharem o sol em suas produções, assim como Anita o fez na sua. Diante disso, segundo Bédard (2013), a presença do sol no desenho situado à direita do papel revela-nos a percepção que a criança tem a respeito de seu pai. O sol, por sua vez, é o único elemento do desenho que possui cor.

Isso pode nos revelar o paradoxo da relação do pai com a criança, já que não o desenhou de forma humana, entretanto, desenhou o sol ao lado direito, simbolizando a energia masculina, que é, por sua vez, vinculada ao poder (Bédard, 2013). Ou seja, Anita representou seu pai em sua produção e o fato de ser o único com cor, portanto, chamando a atenção no desenho, pode ser um socorro da falta que lhe faz e o fato dele estar desenhado ao lado do irmão e não perto de si (Anita se desenhou no verso da folha), revela-nos a aproximação afetiva que eles têm (informação cedida pela mãe nos encontros de intervenção).

Observe o segundo desenho:



Segundo verbalização da criança ao desenhar, ela está dentro de uma piscina (na casa dela tem uma piscina de plástico) e nela tem monte de boias e a água está “caindo”, porque a piscina estava muito cheia. Anita se desenhou com um braço esticado maior que o seu próprio corpo. Deu ênfase aos cabelos, orelhas e cílios. Segundo ela, não podiam faltar os cílios, o cabelo e as orelhas! Em todos os desenhos produzidos, Anita dizia que não sabia desenhar orelha e mostrava a sua, apontando-a com a mão.

Diante dessa realidade, Bédard (2013) afirma que, quando as orelhas estão muito aparentes, quer dizer que a criança tem bom ouvido. Essa é uma realidade que encontramos em Anita, pois sempre ouve atentamente a tudo o que os outros falam, principalmente os adultos. Pude perceber isso, também, ao contar as histórias, ela sempre ouve tudo caladinha e com olhar atento.

Podemos perceber, também, que em todas as produções, ela desenhou olhos grandes e redondos, que, segundo, Bédard (2013), significam que a criança tem a curiosidade à flor da pele, o que é verdade no caso de Anita, pois ela é muito curiosa, pergunta sobre tudo, quer saber o que significa tudo.

Sobre isso, Di Leo (1985) aponta que, desde os primórdios da infância, nada mais prende a atenção das crianças do que a face humana, mais precisamente, os olhos, que sobressaem e sustentam a atividade. Dessa forma, o autor sugere que, nas primeiras tentativas reconhecíveis da criança em retratar a figura humana, os olhos são as primeiras proeminentes características a serem adicionadas ao círculo inicial da cabeça. Assim,

percebemos que Anita deu ênfase aos seus olhos, pois os desenhou de forma grande e com cílios enormes.

Ela preferiu usar o verso da folha para fazer o desenho de si dentro da família e se desenhou de tamanho maior que os outros membros, ocupando a folha inteira, e não coloriu nada em sua produção. Dessa forma, Bédard (2013) alega que a uniformidade na cor dentro de um mesmo desenho está enviando-nos uma mensagem clara e precisa, a autora afirma que é como se a criança não quisesse esconder nada de nós, mas, sim, ser descoberta e compreendida.

Anita não desenhou sua irmã e isso pode ter acontecido devido à preguiça ou por ser uma pessoa que não lhe exerce a “fonte de alimentação” nem lhe é distante ou indiferente, é uma pessoa companheira e amiga, sua irmã mais velha. Já em relação ao irmão, ela o desenhou no alto, como uma pessoa inacessível a ela. Isso pode ser verdade, pois a mãe afirma que ele não lhe dá muita atenção, não brinca muito com ela nem dedica um pouco do seu dia para cuidar da irmã.

No conto João e Maria, o pai permanece uma personagem apagada e ineficaz ao longo da história, uma vez que não censura a madrasta nem toma uma atitude contrária quando ela decide que vão abandonar as crianças. Esse conto, por sua vez, tem relação com a história de vida de Anita, pois seu pai também se apresenta assim “apagado” em suas manifestações orais e pictográfica: primeiro, quando afirma não ter pai; segundo, quando não fala sobre vivência com ele nem o representa diretamente em suas histórias e desenhos.

E. M. de Oliveira (1978) afirma que, para analisarmos um desenho infantil, precisamos, primeiramente, nos identificar com a criança, descer ao seu mundo e reviver com ela a situação que pretendeu projetar pela sua expressão criadora. Diante disso, acredito que Anita se sentiu à vontade para desenhar a partir dos meus comandos, tanto os desenhos sobre si como os de sua família.

Dessa forma, tentando compreender o que Anita estava sentindo ao produzir seus desenhos, penso que o fato de ela não ter desenhado a irmã e representado o pai com o sol, não se deva ao fato deles não terem importância e que, por isso, não apareceram de forma clara no desenho. Acredito que ela representou a si, a mãe e o irmão de forma explícita

devido ao fato de apenas os três estarem presentes em casa no momento da produção do desenho.

4.2.3 Sessão de intervenção psicopedagógica 3 (24/05/2015):

4.2.3.1 Objetivo

Entender como a criança se coloca diante da temática escola e aprendizagem.

4.2.3.2 Procedimento e material utilizado

Material utilizado: Livro “Pinóquio”, papel A4 branco, lápis de cor, lápis de escrever e borracha.

Procedimento: Primeiramente, perguntei à Anita se ela conhecia a história do “Pinóquio” e ela respondeu que sim. Então, eu disse que leria a história para que ela se lembrasse de todos os detalhes da trama e ela disse que seria bom, porque ela gostava do Pinóquio. Após a leitura do conto, fiz algumas perguntas sobre o enredo e, logo depois, solicitei que Anita produzisse um desenho da sua escola.

4.2.3.3 Resultados obtidos e discussão

Pinóquio é a história de um carpinteiro que gostaria de ter um filho e resolve criar um boneco de madeira para satisfazer seu desejo e o matricula na escola, para que ele aprenda como as outras crianças. Pinóquio, por sua vez, decide ir ao circo ao invés de ir à aula. Para isso, vende a cartilha que seu pai lhe deu para comprar ingresso e é assaltado.

Dentre vários acontecimentos, o boneco de madeira se torna um menino de verdade através de uma fada, que o condena, dizendo que sempre que ele mentir, seu nariz vai crescer. Dessa forma, o menino se arrepende de ter mentido para o pai e volta atrás para procurá-lo. Então, viveram felizes para sempre.

Essa intervenção foi a mais diferente de todas até então. Digo isso que em todas as anteriores, Anita se manteve bem concentrada, tanto na contação da história como na produção do desenho. Nesta, porém, ela se concentrou apenas na leitura do conto. Quando terminei a história, perguntei se ela havia gostado e ela afirmou que sim. Então, perguntei por que o nariz de Pinóquio crescia, ela respondeu ser porque ele mentia e disse que virou um menino de verdade porque ficou obediente.

Diante dessas respostas iniciais, podemos inferir que a criança associou a recompensa da fada em se tornar um menino de verdade com o fato de ter se tornado obediente. Logo, quem obedece, recebe coisas boas.

Segundo Bettelheim (2011): “o conto de fadas é a cartilha em que a criança aprende a ler a sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite o entendimento antes de se atingir a maturidade intelectual” ((p. 223). Assim, podemos afirmar que o conto do “Pinóquio” tem o poder de ensinar a criança a obedecer aos pais, a fim de que “coisas ruins” não lhe aconteçam. Exemplo disso foi quando Anita disse que gostaria de sentar-se no chão para desenhar melhor e, no mesmo instante, afirmou que não iria, pois sua mãe brigaria e não lhe daria outro banho e ela dormiria suja, ou seja, não seria “recompensada” com um banho. Assim como Pinóquio foi obediente ao pai, Anita foi obediente à mãe, mesmo ela não estando presente no momento.

Quando solicitei que Anita desenhasse sua escola, ela apresentou resistência, mudou de assunto, falou do gatinho dela que estava passando embaixo da mesa no momento. Então, eu perguntei do que ela mais gostava na escola e ela disse que era dos amiguinhos. Diante disso, falei para ela desenhar seus amiguinhos e, novamente, ela desconversou e ficou aérea.

Depois disso, perguntei por que ela não gostaria de desenhar sua escola e ela disse que é porque não sabia desenhar o teto da escola. Falei que não precisava desenhar o teto e ela disse que não podia ter uma escola sem teto porque a chuva iria molhar todo mundo. Eu confirmei com a cabeça e ela se propôs a iniciar o desenho e produziu uma forma geométrica na parte superior esquerda da folha, que, segundo ela, era o teto, que não podia faltar. Após desenhar essa primeira parte, ela parou o desenho e comentou sobre as bananas que estavam na fruteira em cima da mesa, dizendo que tinha a cor verde na banana e que a banana tem que ser amarela.

Mais uma vez, foi difícil fazer Anita voltar ao desenho, pois ficou divagando sobre objetos que estavam a nossa volta e repetindo que não sabia desenhar a sala de aula, que ela queria produzir. Dizia que eram muitas salas na escola e que não tinha papel para desenhar tudo, porque a mãe iria brigar por estar gastando tantas folhas! Sendo assim, eu disse que

ela não precisava desenhar todas as salas, queria poderia desenhar apenas uma e ela disse que desenharia a sua sala, assim o fez. Veja o desenho:



Anita não apagou a forma geométrica inicial e disse que ela era a televisão da sua sala de aula. A carinha produzida ao lado direito, ela disse que era a Tia NÚ., professora regente, e, ao lado esquerdo, era a Tia NI., professora auxiliar. Embaixo, ao lado esquerdo, ela disse que era a sua amiguinha R. e a outra, ela própria.

Percebamos que, ao contrário dos outros desenhos de Anita, nesse último, ela fez uso dos quatro pontos da folha, preencheu todo o espaço. Desenhou a professora regente ao lado direito, que representa o poder, como defendido por Bédard (2013) anteriormente. Ou seja, a criança vê sua professora como uma pessoa que tem poder em sala de aula.

O bonequinho na parte inferior esquerda ela disse que era o porteiro da escola e os números, ao lado inferior direito, afirmou que ser a quantidade de salas que têm na sua escola. Por fim, o rabisco de vermelho, ao lado direito, ela disse que era a cor de seu sangue e mostrou o joelho machucado (ela havia caído na rua algumas horas antes da intervenção).

Um ponto bastante intrigante no desenho de Anita é o fato de que todos os personagens desenhados têm uma boca traçada representando um sorriso, menos ela própria. Isso pode ser uma manifestação inconsciente sobre o desejo da criança em estar presente na escola. Anita disse que não gosta muito de ir à escola, afirmou que sua mãe, às vezes, não a leva para a escola, então, eu perguntei por que e ela disse: “a minha mãe não acordou para me levar, aí eu não fui”.

Como citado por Di Leo (1985) na intervenção anterior, mãos dão ou tomam. No desenho de Anita, nenhum dos personagens possui mãos nem tampouco braços. As professoras foram desenhadas na parte superior da folha, possuindo apenas cabeça. É como se a criança as percebesse como alguém que olha de cima, pouco ou nada acessível.

Essa representação inconsciente pode ser reflexo do comportamento da criança sob a perspectiva da professora, quando afirma que Anita não pede ajuda ao sentir dificuldade. Essas professoras, possuidoras apenas de cabeças, do ponto de vista da criança, podem oferecer ajuda? Como alguém “sem corpo”, “impossibilitada” de caminhar até a criança, pode lhe oferecer ajuda? Aqui repito a questão da (falta) de sensibilidade da docente. Será que ela se dispõe a “caminhar” até Anita para que tenha segurança em pedir ajuda ou apenas espera que a criança tenha essa atitude?

Anita se representou ao centro da folha, como a única sem sorriso no rosto, sem braços nem mãos, todavia, com pés e dedos enormes. É como se esses dedos estivessem fincados ao chão, como se a criança não quisesse se movimentar, estivesse presa ao seu lugar.

Talvez a recusa da criança em desenhar a escola, se representar com tristeza, colocar as professoras com alguém distante pode ser indícios de que algo não está bem. Por um lado, a sua professora, na entrevista, afirma que Anita apresenta tristeza e não pede ajuda em sala de aula; por outro, ela (Anita) representa, inconscientemente, esses elementos em seu desenho e afirma não gostar de ir à escola, às vezes. Ou seja, há um pedido de socorro silenciado por trás das produções de Anita. Pode ser que a criança esteja denunciando, em seu desenho, que não está feliz ou bem com a escola.

Para se desenvolver de forma saudável, tanto no ambiente social como no escolar, a criança precisa do apoio da família e do professor, como facilitador da aprendizagem, pois, segundo Dieckmann (1986): “a formação e o desenvolvimento da personalidade baseiam-se em dois grandes grupos de fatores: no ambiente determinando, no qual a criança nasce e cresce, e na sua hereditariedade” (p. 106), ou seja, na interação entre fatores sociais e biológicos, defendidos pela abordagem interacionista, em que o sujeito, carregado de vivências, interage com o meio.

Diante dessa constatação, podemos inferir que a criança pode não estar interagindo muito bem no contexto escolar, mais precisamente em sala de aula, uma vez que não representa positivamente o seu ambiente escolar. Fato que condiz com a entrevista de sua professora, que alega que Anita apresenta tristeza e fica dispersa em sala.

Aqui, mais uma vez, demonstramos a importância da produção do desenho na compreensão do comportamento da criança, pois, através dele (o desenho) o sujeito, principalmente a criança pequena, se permite expressar sem censura, de forma livre.

4.2.4 Sessão de intervenção psicopedagógica 4 (24/05/2015):

4.2.4.1 Objetivo

Analisar como ocorreu a relação da criança diante da contação de história e produção de seu desenho, dando-lhe a oportunidade de ter o prazer em contar uma história, seja de criação própria ou uma de livre escolha.

4.2.4.2 Procedimento e material utilizado

Material utilizado: Gravador de voz, um livro de contos clássicos da própria criança, papel A4 branco, lápis de cor, lápis de escrever e borracha.

Procedimento: Primeiramente, disse à Anita que, nesse último encontro, seria ela quem iria contar-me uma história e que seria qualquer uma, sua preferida ou uma de sua própria criação. Ela ficou radiante, disse que já tinha escolhido há muito tempo a história que iria me contar e correu para seu quarto para buscar um livro de contos de fadas.

Dessa forma, ao retornar para a mesa onde estávamos sentadas, ela me mostrou o livro, então, eu fui olhar no índice para ver se nele havia a história de Rapunzel, mas, no mesmo instante, ela disse que naquele livro não tinha a história e que ela ia fingir que a história de Peter Pan, que tinha no livro, era a história de Rapunzel. Diante disso, ela abriu o livro na parte do livro na referida história e disse que estava pronta para começar a contar. Então, eu avisei que gravaria a história dela, preparei o gravador e avisei que poderia começar e contar. A seguir, segue a transcrição literal da contação da criança, em que “L” significa Luana, meu próprio nome, e “A” Significa Anita:

L: Pode começar.

A: Era uma vez uma menina chamada Rapunzel, que ela vive em um castelo. E tinha uma bruxa, que ela... ela... ela pensava que era mãe da Rapunzel. Então, aí ela foi comprar uma coisa para a sua... a sua filha, mas ela não queria ser a filha dela. Ela era só uma bruxa, então, aconteceu uma coisa terrível! É que.... aconteceu sabe o quê?

L: O quê?

A: Aí ela foi embora quando aconteceu: Veio um príncipe tão lindo e ele se chamava José. Então, José cavalgava, quer dizer, andava com seus homens, mas eles eram homens de outro, que eles, então, aquele outro homem era dele, mas, então, aconteceu uma coisa terrível: Rapunzel, ela fugiu de seu... do seu castelo, que, então, mas... primeiro, José tava... tava indo até naquele castelo, que ele chegou entrando, então, ele conseguiu achar um castelo tão lindo, que até viu a sua linda dama... Rapunzel! Então, ele tava passeando, quando acontece uma coisa terrível! A sua, a sua malvada, a bruxa... ela descobriu quem era aquele: José, que ela deixou um pa... um papel... Então, aí fim (Anita fechou o livro).

L: Acabou a historinha?

A: Não, acabou não! (Anita abriu o livro)

L: O que está faltando da historinha pra acabar? (Anita ficou folheando o livro até encontrar a história de Peter Pan de novo)

A: Aqui... a página da Chapeuzinho Vermelho, o papai Noel estava nesse aqui? (Nesse momento, ela chegou na parte da história de Peter Pan)

A: Então, ela... ela tava andando e descobriu uma parte lá que ele estava lá. Então, aconteceu uma coisa terrível: ele tava indo para outro lugar, quando Rapunzel tinha sumido, quando José tava procurando ela com seu cavalo, ele cavalgou, cavalgou e cavalgou até ele chegar lá no castelo e ele achou a bruxa. Então, a bruxa enfiou a espada nele... então, ele quase morreu e Rapunzel... a bruxa, ela soltou Rapunzel, então, ela... o José tava ferido, até que um dia eles... eles está, estão... ela... então, José cortou o cabelo de Rapunzel, então...

L: O quê?

A: Eles tavam, então... então, a bruxa com muito, muito, muito... (risos) então, ela... então... o Mascavo, o... o... o sapinho... Rapunzel tinha um sapinho, o Mascavo.

L: Ah... é? (risos)

A: Sabe como ele é? Vou e mostrar, tá lá no escritório, vou pegar pra te mostrar.

L: Termina de contar aqui a história, aí você vai lá buscar pra eu ver.

A: Então, eles... então, então, os seus pais, eles viram que a sua própria filha... então, José, ele conseguiu sobreviver com a Rapunzel, então, aconteceu uma coisa terrível, mas aquela coisa não era terrível (risos e suspiros) e quando... quando aconteceu uma coisa... essa não parece a “Tinker Bell”? Então, aconteceu uma coisa: eles casaram, quando seus pais tavam preocupados com sua a filha, então, eles cantaram uma música, mais ou menos assim... essa página tá rasgada, deve ser alguma, alguém que rasgou... olha.

L: Uhum. E aí, qual é o fim da história?

A: Então, eles se casaram e viveram felizes para sempre!

L: Que bonita a sua história.

A: Vou te mostrar, vou te mostrar o sapinho Mascavo.

Anita foi buscar o sapinho de pelúcia que estava no escritório para me mostrar. Depois disso, pedi a ela que produzisse um desenho que ela quisesse. Dessa forma, Anita arregalou os olhos, apresentou animação e começou o trabalho.

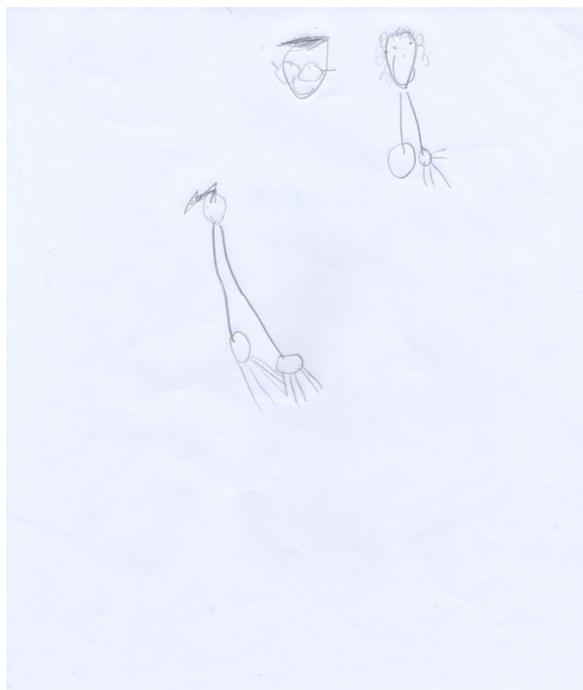
4.2.4.3 Resultados obtidos e discussão

A primeira curiosidade na contação de Anita foi o fato dela ter escolhido a história do “Peter Pan” para fingir ser a história da Rapunzel. Sua mãe disse que ela sempre escolhe essa história para fingir outra por cima. Ao contar cada pedacinho da história, a criança passeava os dedos pelas palavras como se as estivesse lendo de verdade, folheava as páginas do livro, apontando para cada figura correspondendo a sua fala.

Outra observação pertinente se refere ao vocabulário e a entonação de Anita. Embora tenha tido um pouco de dificuldade em pronunciar algumas palavras, ela articulava bem uma palavra com outra. Além da riqueza nessas palavras, a criança tem uma entonação incrível para contar histórias, é muito expressiva!

Ao longo da contação, Anita apontou para uma personagem da história de Peter Pan e pergunta: “essa não parece a Tinker Bell?” O engraçado é essa personagem é a Sininho, a própria Tinker Bell.

Ao produzir seu desenho, Anita disse que desenharia o Peter Pan. Todavia, não foi isso que aconteceu. Ao desenhar, ela vocalizou em cada elemento de sua produção. Assim, segundo ela, desenhou o Miguel, o João e a Wendy (da esquerda para a direita), ambos personagens da história de Peter Pan. Assim, Anita não produziu um desenho qualquer nem tampouco alguma figura do história que contou, optou por desenhar personagens secundários, não o personagem principal da história que usou de pano de fundo para contar sobre Rapunzel, observe:



Bédard (2013) afirma que os desenhos produzidos de uma cor têm muita importância, que a uniformidade na cor dentro de um mesmo desenho está enviando-nos uma mensagem clara e precisa: “é como se a criança não quisesse esconder nada de nós, ao contrário, deseja ser descoberta e compreendida” (p. 39).

Esse foi o último desenho produzido por Anita para as intervenções realizadas com ela e foi a única produção na qual não há nenhuma cor, além da cor do lápis de escrever. Em outros desenhos, Anita coloriu mais uns que outros, mas, nesse último, não há nenhum colorido. Uma observação pertinente é que essa pictografia foi a única que Anita produziu sem qualquer questionamento, em nenhum momento pronunciou que não sabia desenhar isso ou aquilo, foi o desenho que ela gastou menos tempo para produzir.

Talvez Bédard tenha razão quando discorre sobre o desenho de uma só cor, já mencionado acima, e pode ser que isso se dê ao fato de que foi o único desenho que não tenha diretamente a ver com a história de vida de Anita. Talvez, para ela, tenha sido mais fácil produzir um desenho que não se relacionasse com a sua vida, que não dissesse respeito a sua casa, sua família, a si mesma.

Dessa forma, acredito que podemos afirmar que Anita se sentiu livre para desenhar “um desenho qualquer” e não tenha tido receio em expor sua criação, uma vez que não precisava expor a si própria.

Lajonquière (2009) afirma que “o ato de ensinar instaura, retrospectivamente, um tempo no qual o sujeito estava desprovido de saber algum e, portanto, de agora em diante quer saber sobre aquilo que passou a fazer falta” (p. 176). Essa afirmação se encaixa com o último encontro com Anita, pois, conforme aconteciam os encontros, ela ficava mais interessada pelas histórias e sempre perguntava qual seria a historinha do dia. No penúltimo encontro, ela queria contar-me uma história e eu disse que no último dia me contaria, então, ela disse que queria que esse dia chegasse logo porque ela queria me contar histórias também.

Ao longo das intervenções, pude perceber o crescente interesse dela pelas leituras. Anita, que já gostava de histórias em qualquer hora e lugar, passou a gostar muito mais! Prova disso foi o discurso da mãe quando fui embora, ela disse que Anita agora quer ouvir mais de uma história ao dormir e sempre quer contar uma história a alguém.

5. DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

Este estágio de intervenção realizado junto a uma criança de quatro anos de idade iniciou-se a partir do desejo da pesquisadora em estudar as relações familiares e escolares desse sujeito, tendo em vista sua notável capacidade criativa e imaginativa, de um lado, e, de outro, sua timidez e dificuldade em pedir ajuda quando se sente insegura ou passa por algum obstáculo em realizar alguma atividade.

Diante desse contexto, foi realizado um processo de avaliação e intervenção psicopedagógicas, apoiado na teoria psicanalítica. Dessa forma, considerando-se a presença significativa de fatores de ordem emocional no processo de aprendizagem da criança, decidiu-se pela elaboração de desenhos e trabalhos com contos de fadas.

Posto isso, para realizar a avaliação, foram utilizados os seguintes procedimentos: observação participante com a criança, entrevista de *anamnese* de perguntas abertas com a mãe e questionário de perguntas abertas e fechadas com a professora. Para a intervenção: leitura dos contos de fadas “*O patinho feio*”, “*João e Maria*” e “*Pinóquio*”, no intuito de trabalhar questões relacionadas à auto imagem, família e relações de aprendizagem, respectivamente; e contação da história de “*Rapunzel*” pelo sujeito em estudo, conto de livre escolha. Além do trabalho com os contos, ocorreu a escolha do desenho infantil, a fim de que a criança se expressasse livremente sobre os temas retratados.

Esses procedimentos resultaram em muitas questões que permeiam o seio familiar de Anita no tocante ao seu desenvolvimento e afetividade, bem como apontaram para fatores que, talvez, possam dificultar sua aprendizagem, a exemplo da atitude de sua professora em relação ao seu comportamento em sala de aula.

Chamat (2004) defina escuta psicopedagógica como um processo de escutar-olhar, em que o pesquisador não apenas ouve, mas, escuta com qualidade o que o sujeito diz. Esse processo é concebido, na teoria psicanalítica, como escuta sensível. Essa escuta, por sua vez, se fez muito presente neste trabalho, sobretudo, no momento da *anamnese* e nos momentos de intervenção.

O primeiro encontro com Anita ocorreu de forma tranquila, pois ela se mostrou receptiva a mim e disposta a realizarmos as “brincadeiras” de intervenção. Dessa forma, nos descontraímos, conversamos e ela deu sinais de qual tipo de contos que ela mais gosta. Então, tive a oportunidade escolher cada conto para trabalhar cada tópico escolhido para esta pesquisa.

Nesse primeiro momento, tive contato com a realidade paterna da menina, uma vez que seus pais são separados. O curioso é que esse encontro ocorreu no domingo de páscoa, como foi descrito na intervenção, e ele não se mostrou muito presente, realizou uma visita rápida e foi embora. Anita, por sua vez, não apresentou nenhum incômodo diante dessa situação, pelo contrário, chegou a franzir o cenho quando sua mãe avisou sobre a chegada do pai.

Em princípio, percebi Anita como uma criança muito esperta, inteligente, livre de qualquer dificuldade aparente, principalmente após a *anamnese*. Ao longo da entrevista e perguntas do questionário, a mãe só teceu elogios sobre a filha, especialmente, no quesito comportamento. Afirmou que a menina não apresenta qualquer dificuldade na escola, realiza atividades escolares de casa com sua ajuda, e tem bom relacionamento familiar e boa sociabilidade. O único ponto negativo do comportamento da menina apontado pela mãe foi a alimentação, que esta afirmou ser “péssima” e sobre a ausência do pai, em que a menina sente a falta.

Em todo o seu discurso, a mãe coloca a filha como uma criança boazinha, obediente e que não possui dificuldades. Novamente, eu pergunto: como pode uma criança não passar por dificuldade em algum momento? Sua própria professora alega que ela possui, sim, dificuldades, bem como não procura ajuda quando passa por isso.

Diante da análise da *anamnese* e das intervenções, pude perceber que a mãe de Anita a superprotege quase em tempo integral. Todavia, ela não se percebe como esse tipo de mãe, pois esse jeito materno é um processo inconsciente, que, talvez, ocorra devido à ausência do pai, na tentativa de preencher o espaço paterno vazio. A menina dorme com a mãe até os dias atuais, embora, na casa, a criança possa dividir o quarto com a irmã, por exemplo. Sobre a separação de quartos, a mãe alega que Anita não gosta do assunto e reage

com choro. Dessa forma, ela não vê problemas em continuarem dormindo no mesmo quarto, pois ficam em camas separadas.

Sobre essa questão, Chamat (2004) afirma que a criança deve aceitar a saída do quarto dos pais a fim de que se desenvolva de forma mais independente. Ou seja, no intuito de proteger e/ou estar mais presente na vida da filha, dormindo no mesmo quarto, por exemplo, a mãe passa a prejudicar o desenvolvimento da criança, que se mantém muito dependente do leito materno e pode não conseguir externar suas dificuldades em casa e pedir ajuda à professora em sala de aula.

A partir das respostas contidas no questionário respondido pela professora de Anita, questionei-me acerca das minhas próprias percepções sobre a criança. Aquele sujeito, aparentemente, livre de qualquer dificuldade, como apontado acima, passou a me intrigar e, então, eu me empenhei em procurar meios para averiguar a sua condição de aprendizagem e desenvolvimento emocional e propus uma intervenção, apoiada nos contos e nos desenhos, no intuito de desvendar fatores inconscientes que atravessam essas questões e marcam o sujeito em sua trajetória de vida, bem como suscitar orientação pra lidar melhor como a criança em questão.

Diante disso, pude notar, pelas respostas da professora, que ela percebe Anita como uma criança triste, ansiosa, insegura, que não conclui uma atividade, é pouco persistente, não pede ajuda, mas que, todavia, é obediente, possui boa oralidade e motivação para aprender. Esses conceitos “marcados” pela professora são passíveis de questionamento, uma vez que ela aponta as dificuldades da criança, entretanto, não propõe uma intervenção junto à família a fim de sanar esses impasses no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Voltolini (2011) afirma que, o fato da educação em si ser uma maestria impossível, ele nos remete ao impossível controle que o educador tem sobre o que ensina e a posição que o aluno tem diante disso. Ou seja, a professora de Anita não tem controle sobre o que ensina à criança, mas pode tomar posse do lugar que ocupa em sua vida, pode se colocar no lugar de Anita, empaticamente falando, e ter sensibilidade diante de suas percepções e se dispor a ajudá-la.

Em relação à intervenção sobre o trabalho da auto imagem, foi solicitado à criança a produção de dois desenhos: um sobre como ela gostaria de ser e, outro, sobre como ela realmente é. Como descrito nos resultados, Anita se mostrou mais à vontade no primeiro desenho, verbalizou sobre cada parte de sua produção. Todavia, após o comentário da tia, que estava presente na intervenção, acerca de seu desenho, a criança se “fechou” e não interagiu da mesma forma na produção do segundo desenho, pois não vocalizou em nenhum momento. Esse ocorrido nos leva a pensar o quão importante é o incentivo e motivação do adulto no processo de criação da criança.

Em sua representação, Anita não se desenhou de forma completa, lhe faltaram braços e pernas; além de ter usado apenas uma cor para a produção do desenho. Diante disso, Di Leo (1985), aponta que não devemos nos ater a um ou outro detalhe específico de um desenho, devemos analisar a obra como um todo, sem, contudo, ignorar suas partes.

E. M. de Oliveira (1978) alega que as representações do desenho são envoltas de conteúdo manifesto (que representa a realidade externa) e de conteúdo latente (que esconde sobre a realidade interna). Dessa forma, olhando para a obra com um todo, podemos refletir sobre o que o desenho dessa criança quer nos dizer, o que ela está inscrevendo com essa produção, ou seja, não basta que nos atentemos apenas ao conteúdo explícito no desenho, é preciso fazermos uso da escuta sensível ao dito e ao não dito da criança em relação a sua obra.

Anita se mostrou bem resistente à produção dos desenhos relacionados a sua família e a sua escola. Não apresentou vontade em desenhar os membros de sua família, inclusive não desenhou todos nem representou todos em sua produção, todavia, deu ênfase para sua mãe (foi a primeira a ser desenhada). Isso pode nos revelar a importância dela (a mãe) para a criança. Em relação ao desenho da escola, se manteve bem distraída, alegou não saber desenhar uma escola. Diante disso, a muito custo, a criança resolveu desenhar a sua sala de aula. Representou suas professoras apenas com cabeças e desenhou uma colega de sala e a si mesma com expressão de tristeza. Essa recusa em relação ao desenho da escola pode ser indícios de que algo não vai bem no contexto escolar dessa criança.

Acredito que o último encontro tenha sido o mais esperado por Anita, pois ela estava muito ansiosa para contar-me sua história escolhida. Segundo ela, o conto de fadas

que ela iria me contar já havia sido escolhido há muito tempo. O curioso sobre a contação da história de Anita é que ela se utilizou de uma história (Peter Pan) para contar a sua escolhida (Rapunzel), ela folheava as páginas, apontava para as letras como se estivesse, de fato, lendo a história.

A última produção de Anita foi um desenho livre e espontâneo e, apesar disso, ela desenhou alguns personagens da história que ela usou de fundo para contar a sua (Peter Pan). Esse desenho, por sua vez, foi o único produzido pela criança sem uma cor qualquer, exceto a utilizada para desenhar, o lápis de cor. Diante disso, Bédard (2013) afirma que os desenhos produzidos de uma só cor nos querem deixar uma mensagem bem clara, de que a criança não quer esconder nada de seu expectador, deseja ser descoberta. Além disso, foi o único desenho em que ela não fez nenhum questionamento, como dizer que não sabe desenhar isso ou aquilo. Isso, talvez, se deve ao fato de que a criança tenha se sentido à vontade por não ter de desenhar nada sobre si mesma.

A partir do resultado dessas intervenções, conseguimos desenhar um quadro compreensivo das relações afetivas de Anita, em casa e na escola, o que, analisado na perspectiva teórica escolhida, abriu a possibilidade de estruturação de elementos para uma orientação à professora e à mãe, que pode auxiliar no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Sobre essa relação professora-aluna, a orientação que fica para a professora de Anita é que ela se proponha a oferecer uma escuta sensível para que a criança expresse seus receios, fantasias, desejos e fantasmas, pois ela pode se expressar de diversas formas, não somente pela fala, aliás, principalmente, pelo não dito. Além do mais, deve buscar uma parceria com os pais da criança, também, pois, como afirmado ao longo desse trabalho, a educação não é um trabalho que se restringe à escola, é um trabalho que começa em casa.

Em relação à estrutura familiar de Anita, a sua mãe pode mudar alguns hábitos, no intuito de promover maior independência emocional e oferecer meios a fim de que ela desenvolva autonomia para resolver seus problemas, por menores que sejam. Além disso, o pai deve se manter mais presente fisicamente da menina, pois, muitos de seus fantasmas, são reflexos da ausência do pai. Com essas pequenas mudanças, Anita pode se desenvolver melhor e, conseqüentemente, melhorar seu ritmo de aprendizagem e socialização na escola.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Educar é possibilitar uma filiação simbólica humanizante.
(Lajonquière, 2009, p. 138)*

Esse processo de avaliação e intervenção psicopedagógicas, viabilizado em face de estágio supervisionado para conclusão do curso *lato sensu* em Psicopedagogia clínica e Institucional, realizado junto a uma criança de quatro anos de idade, no primeiro semestre de 2015, teve o intuito de estudar as relações familiares e escolares desse sujeito, tendo em vista sua notável capacidade criativa e imaginativa, de um lado, e, de outro, sua timidez e dificuldade em pedir ajuda quando se sente insegura ou passa por algum obstáculo em realizar alguma atividade. Para concretização desse trabalho, considerando-se a presença significativa de fatores de ordem emocional no processo de aprendizagem da criança, decidiu-se pela elaboração de desenhos e trabalhos com contos de fadas, sob o olhar da Psicanálise.

Os resultados desse trabalho mostraram que a teoria psicanalítica é uma abordagem teórica capaz de dar significado à vivência do sujeito, é capaz de dar voz para que ele exponha suas dificuldades, seus receios, seus fantasmas e, sobretudo, ajuda-o a esclarecer sobre si mesmo. Portanto, a psicanálise ajuda a clarear aquilo que nos bloqueia, que está pouco ao nosso alcance: nossos processos inconscientes, tão presentes no nosso dia a dia.

Diante disso, penso que esse estágio foi de suma importância para minha formação, tanto acadêmica, como profissional. Levar a teoria para a prática abre-nos portas para entender melhor como essa teoria funciona, pois não há teoria sem a práxis e, mais, uma teoria não nasce do vazio, uma vez que teoria e prática se constituem mutuamente.

Além dessas percepções, essa pesquisa mostrou que a aprendizagem não ocorre apenas por meio de processos cognitivos. As relações afetivas estabelecidas pelo sujeito são muito importantes em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem, pois elas são facilitadoras da aquisição do conhecimento. Exemplo disso é a transferência: de nada adianta um professor ser detentor de um conhecimento se o sujeito enquanto aprendiz não o aceita como tal, não tem o desejo de aprender por meio desse professor.

Freud já dizia que somos seres faltantes e é justamente na falta que existimos, que fazemos sentido, pois, se fôssemos seres completos, o que nos daria sentido? Diante dessa indagação, creio que algo a mais poderia ter sido feito para obtenção de maiores resultados dessa pesquisa, a exemplo de uma entrevista com o pai da criança, bem como com os seus irmãos, a fim de entender como esses sujeitos percebem suas relações com Anita e como se posicionam diante dos sintomas de dificuldades manifestos por ela.

Por fim, acredito que os resultados de cada intervenção realizada podem auxiliar, tanto a professora, como a família da criança, a compreendê-la melhor, a oferecer o seu lugar como sujeito. E, diante da falta que nos é inerente, penso que esse trabalho pode ser continuado, num futuro próximo, em nível de pós graduação *stricto sensu*.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bédard, N. (1998). *Como interpretar os desenhos das crianças*. São Paulo: Isis.
- Bettelheim, B (2011). *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra.
- Chamat, L. S. J (2004). *Técnicas de diagnóstico psicopedagógico: o diagnóstico clínico na abordagem interacionista*. São Paulo: Vetor.
- Di Leo J. H. (1985). *A interpretação do desenho infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Fagali, E. Q.; Do Vale, Z. D. R. (1993). *Psicopedagogia institucional aplicada: aprendizagem escolar dinâmica e construção na sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Franz, M. L. v (2008). *A interpretação dos contos de fadas*. São Paulo: Paulus.
- Freud, S. (1913). *O interesse científico da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- Freud, S. (1914-1916). *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1856-1939). *Cinco lições de psicanálise; A história do movimento psicanalítico; O futuro de uma ilusão; O mal estar na civilização; Esboço de psicanálise/Sigmund Freud; Seleção de textos de Jayme Salomão; tradução de Durval Marcondes*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- Freud, S. (1976). Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise. In: Freud, S. *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Gurgel, C. P. de P (2010). *A avaliação psicopedagógica numa abordagem institucional: procedimentos, instrumentos e elaboração de relatórios*. Brasília: Ed. do autor.
- Grimm, J. & W (2013). *Contos de fadas: obra completa*. São Paulo: Itatiaia.
- Merege, A. L (2010). *Contos de fadas: origens, história e permanência no mundo moderno*. São Paulo: Claridade.
- Oliveira, E. M. de (1978). *Perspectivas psicanalíticas dos desenhos infantis*. Petrópolis: Vozes.
- Oliveira, V. B.; Bossa, N. A. (orgs). (2013). *Avaliação psicopedagógica da criança de zero a seis anos*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Richardson, R. J.; Colaboradores Peres, S. J. A. (1989). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.

Visca, J. (1987). *Clínica psicopedagógica: epistemologia convergente*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Voltolini, R. (2011). *Educação e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

8. APÊNDICES

8.1 Apêndice I – Anamnese familiar

ANAMNESE COM A FAMÍLIA			
RESPONDENTE:			
IDENTIFICAÇÃO			
NOME DA CRIANÇA:			
DATA DE NASCIMENTO: 09/07/2010			
ENDEREÇO:	CIDADE: Taguatinga Norte - DF.	ESTADO:	
COMPOSIÇÃO FAMILIAR: pai, mãe, irmãos			
PESSOAS QUE RESIDEM COM A CRIANÇA: mãe, irmã e irmão			
PESSOAL RESPONSÁVEL PELA CRIANÇA: a mãe			
PRÁTICA ATIVIDADE FÍSICA?	QUAL?	Sim. balé - na escola	
SOCIABILIDADE: muito boa			
O BRINCAR: em casa, com a família, nem sempre c/ outros			
LAZER: filmes, cozinha/carinha, espada crianças			
MEDICAMENTOS:			
TEM RELIGIÃO?	QUAL?	Sim. cristã	
FILIAÇÃO			
PAI:	IDADE: 38	ESCOLARIDADE: Superior	PROFISSÃO: Professora/empregado
MÃE:	IDADE: 40	ESCOLARIDADE: Superior/Pós-graduada	PROFISSÃO: Professora - SEE
RELACIONAMENTO DOS PAIS		CASADOS: não	
		SEPARADOS: sim	COMO É A GUARDA DA CRIANÇA? c/ a mãe
ANTECEDENTES PESSOAIS			
CONCEPÇÃO	FILHO PLANEJADO: planejamos antecipado		
	ORDEM DE NASCIMENTO: a última		
	ABORTOS NATURAIS: não		
	ABORTOS PROCOVADOS: nunca!		

GESTAÇÃO	CONDIÇÕES DE SAÚDE: <i>Gravidaz de alto risco</i>
	CONDIÇÕES PSICOLÓGICAS: <i>de boa</i>
NASCIMENTO	PARTO: <i>cesárea</i> LOCAL: <i>Taquatinga - DF</i>
	PESO: ALTURA:
	ALGUMA ANORMALIDADE AO NASCER? <i>nao</i>
ALIMENTAÇÃO	PRIMEIRO ANO DE VIDA: <i>pruto até os 9 meses + comida sólida</i>
	ATUAL: <i>pequena</i>
DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR	SUSTENTOU A CABEÇA: <i>1 mês</i>
	ROLOU NA CAMA: <i>sim</i>
	SENTOU: <i>5 meses</i>
	ENGATINHOU: <i>sim</i>
	FICOU DE PÉ: <i>8 meses</i>
	ANDOU: <i>10 meses</i>
	MARCHA ATUAL: <i>normal</i>
LINGUAGEM	PRIMEIRO BALBUCIO:
	PRIMEIRAS FALAS: <i>mamãe</i>
	PRIMEIRAS FRASES:
	FALA NATURAL OU INIBIDA: <i>natural</i>
	APRESENTA GAGUEIRA: QUANDO? <i>nao</i>
	APRESENTA PROBLEMA DE VOZ? <i>nao</i>
	DENTIÇÃO: <i>normal</i>
SONO	DORME SOZINHO: <i>nao, com a mãe, as vezes na minha cama</i>
	SONO CALMO: <i>sim um qual</i>
	SONO AGITADO: <i>agitada ela chora no sono</i>
	TOMA MEDICAMENTOS? <i>nao</i>
	ATÉ QUANDO DORMIU NO QUARTO DOS PAIS? <i>até agora</i>

SONO	QUAL A ATITUDE TOMADA PARA SEPARAR?	<i>conversa sobre</i>
	REAÇÃO DA CRIANÇA	<i>chao</i>
	CONTROLE DOS ESFÍNCETERES:	<i>OK</i>
	ENURESE NOTURNA: EM QUAIS SITUAÇÕES?	<i>2 vezes depois dos 2 anos entre os 3 anos</i>
	ENURESE DIURNA: EM QUAIS SITUAÇÕES?	
	ANAL DIURNO:	<i>normal</i>
	ANAL NOTURNO:	<i>nao</i>
	TIQUE NERVOSO: HÁBITOS:	<i>nao menta e chupa o dedo</i>
ESCOLARIDADE	IDADE DE INGRESSO:	<i>2 anos e 7 meses</i>
	PRIMEIRA ESCOLA:	<i>Casa de Brinquedos Baby</i>
	ESCOLA ATUAL:	<i>Casa de Brinquedos</i>
	TEM OU TEVE DIFICULDADE?	
	QUAL?	<i>nenhuma</i>
	TEM ATIVIDADE DIÁRIA EM CASA?	<i>2 vezes por semana</i>
	GOSTA DE IR PARA A ESCOLA?	<i>sim</i>
RELACIONAMENTO FAMILIAR	COM A MÃE:	<i>extremamente amorosa sentimento de segurança, estabilidade</i>
	COM O PAI:	<i>extremamente amorosa, carência pela ausência do mesmo</i>
	COM OS IRMÃOS:	<i>paucido com a mãe é tranquilo, carinhoso mt. carinhoso</i>
	CONDUTA EM CASA:	<i>tranquila, obediente, carinhosa, educada</i>
	PUNIÇÕES (FORMA):	<i>castigo e às vezes palmada ↳ conto do punishment e sem ditura para dormir</i>
	OBSERVAÇÕES	<i>Minha filha é um anjo na minha vida.</i>

8.2 Apêndice II – Entrevista com a professora

Entrevista com o Professor

Parte 1 - Dados de identificação

1. Nome da escola: ESCOLA CASA DE BRINQUEDO
2. Nome da professora: _____
3. Nome do aluno (a): _____
4. Idade: 4 ANO
5. Série/Ano: INFANTIL I
6. Desde que etapa/ano o aluno (a) frequenta esta escola? NA ECB ESTE ANO, MAS FREQUENTOU CBB
7. Recebe algum atendimento especializado? Qual? NÃO NA ECB
8. Participa de alguma atividade no turno oposto às aulas? NA ECB NÃO.
9. Quantos alunos têm em sala de aula? 16 ALUNOS
10. Qual a sua rotina de trabalho? Como é o desenvolvimento da aula?
OS ALUNOS TÊM 15 MIN DE SOCIALIZAÇÃO, SEGUIDO DE ROTINA COM HISTÓRIAS E INTRODUÇÃO DE CONCEITOS.
11. O que você pensa sobre educação e aprendizagem?
UMA ESTÁ INTERLIGADA A OUTRA, NÃO HÁ EDUCAÇÃO SEM APRENDIZAGEM
12. O que você pensa sobre dificuldade de aprendizagem e os erros cometidos pelos alunos?
PENSO QUE NA EDUCAÇÃO NÃO HÁ ERROS. É UM EXPERIMENTAR TODOS OS DIAS.
13. Como você percebe a dificuldade dos seus alunos?
NAS RESPOSTAS QUE ELAS DÃO, NAS BRINCADEIRAS, NAS ATIVIDADES ESCRITAS NOS JOGOS E DINÂMICAS
14. Qual a concepção pedagógica você utiliza para ensinar? Por quê a escolheu?
SÓCIO-CONSTRUTIVISTA.
15. Como é feita sua avaliação?
COM JOGOS, BRINCADEIRAS, MÚSICAS E ATIVIDADES ESCRITAS

Parte 2 - Sobre o comportamento e aprendizagem da criança

1. Em relação ao rendimento escolar, aluna apresenta:
 - progresso constante
 - progrediu até certo ponto
 - não apresenta progressos
 - nunca executa atividades
 - Outro. Qual? _____
2. Quanto ao ritmo do seu trabalho:
 - é lento
 - é rápido
 - é normal
 - Outro. Qual? _____
3. Em relação à qualidade de seu trabalho:
 - é satisfatória, seus trabalhos são limpos e bem feitos
 - inicia os trabalhos, mas não os conclui. É pouco persistente
 - faz de qualquer forma, sem o mínimo de cuidados
 - risca os erros manchando a folha
 - erros são apagados com borracha – ficam marcas
 - Outra. Qual? _____

4. Sua frequência escolar aponta:

- assiduidade
 muitas faltas
 atrasos constantes
 Outra. Qual? _____

5. Quando apresenta dificuldades:

- pede auxílio ao (à) professor (a)
 pede auxílio aos colegas
 deixa o trabalho de lado, nada pergunta
 outros comportamentos Qual? _____

6. Seus deveres de casa:

- são sempre feitos
 às vezes, são feitos
 nunca são feitos
 Outro. Qual? _____

7. Seu relacionamento com o (a) professor (a) pode ser considerado:

- bom, sem problemas
 regular
 ruim
 Outro. Qual? _____

8. Em relação à sua memória:

- parece boa, sem dificuldades
 parece ter dificuldades
 não foi observada
 Outra. Qual? _____

9. O vocabulário e a pronúncia exibidos na escola são:

- adequados, sem problemas
 prejudicado porque troca letras
 prejudicado porque omite letras
 inadequados, não consegue expressar-se
 Outro. Qual? _____

10. Apresenta dificuldades com:

- escrita
 atenção
 disciplina
 leitura
 números
 Outra. Qual? fica disperso.

11. Sua atividade motora é demonstrada por:

- está sempre agitada
 é muito barulhenta
 derruba objetos frequentemente
 prefere correr a andar
 Outra. Qual? NAO TEM DIFICULDADE MOTORA.

12. Em relação a sua motivação para o aprendizado:

- parece boa
 é desinteressado
 depende da atividade
 Outra. Qual? _____

13. Quanto ao seu comportamento em classe, manifesta:

- agressividade
 inquietação
 ansiedade
 alegria
 obediência
 dependência
 introversão
 cooperação
 incapaz de controlar-se
 muito falante
 adequação
 tranquilidade
 autoritarismo
 insegurança
 tristeza
 desobediência
 independência
 extroversão
 brigas constantes
 incapaz de aguardar a vez
 Outro. Qual? _____

Parte 3 - Percepção da professora sobre a criança

1. Geralmente, compreende as lições?

SIM

2. Atividades preferidas:

PISCINA DE BOLINHAS

3. Em sua opinião, quais seriam as principais potencialidades da aluna?

NA PINTURA E NA ORALIDADE

4. Em sua opinião, quais seriam as principais dificuldades da aluna?

FINALIZAR AS ATIVIDADES

5. Como você descreve sua atuação diante dessas?

PREOCUPADA COM O EMOCIONAL DA ALUNA

6. Como você percebe a participação dos pais na vida da aluna?

OS PAIS SÃO SEPARADOS

7. Há algo que a preocupa com esta criança neste momento? O quê?

ELA TEM MEDO DA MÃE MORRER EM UMA CIRURGIA

Brasília, 22/04/2015.

ASSINATURA DA PROFESSORA